

PAULO

O SEU APOSTOLADO E MENSAGEM

Por: C. R. STAM



NUM RECONHECIMENTO CHEIO DE GRATIDÃO

Os meus agradecimentos sinceros vão para os que me ajudaram na preparação deste volume.

Primeiro, para a minha querida mulher, Ruth, que escutou reflectidamente a leitura de todo o manuscrito e proporcionou muitas sugestões que serviram de ajuda.

Depois, a Richard Hunt que transcreveu cuidadosamente a cópia toda em linótipos para a impressão – uma tarefa verdadeiramente meticulosa. Também a RoseAnn (esposa de Bernie) Kees, que ajudou na preparação do manuscrito e na correcção das provas tipográficas tanto do manuscrito como dos cadernos em linótipos – do princípio ao fim. Também a Dan Dobler, que ajudou significativamente na correcção das provas tipográficas.

Agradecimentos sinceros vão também para o meu amado colega, Richard Jordan e para Russell Miller, um velho companheiro na obra, pelas suas sugestões que serviram de ajuda. E agradecimentos, não menores, para os leitores da revista *Berean Searchlight* que amavelmente enviaram sugestões e críticas de tempos a tempos. Como foram para mim significativas!

Acima de tudo, agradeço a Deus pela força física e discernimento espiritual para ver a obra do princípio ao fim, e pelos queridos amigos que ajudaram a proporcionar os fundos necessários para a publicação deste livro.

- O Autor

A ILUSTRAÇÃO DA SOBRECAPA

A ilustração da sobrecapa foi feita pela nossa Bernadette (esposa de Russell) Miller, dando-nos a sua concepção de como Paulo poderia ter parecido durante as 3 fases da sua vida – novo, meia idade e velhice – como servo de Cristo. Há uma coisa nos retratos de Bernadette: têm *carácter*. Para esta irmã também, as nossa sincera gratidão.

PREFÁCIO

O presente volume sobre *Paulo, o Seu Apostolado e Mensagem*, enquadra-se de alguma forma na mesma categoria do nosso recente livro sobre *A Nossa Grande Comissão*. Como aconteceu com *A Nossa Grande Comissão*, estávamos cada vez mais preocupados com o facto de, apesar de termos escrito dezenas de artigos na revista *Searchlight* e nos opúsculos sobre Paulo e os vários aspectos do seu ministério, nunca termos escrito um livro que abrangesse este assunto. De facto, apesar das centenas de livros que têm sido escritos sobre Paulo, não conhecemos nenhum volume que trate do seu apostolado e mensagem dispensacionalmente, de uma forma compreensiva. Portanto, a publicação de um livro assim torna-se *urgente*, pois é a *falta* do conhecimento de Paulo como Apóstolo da Graça, e a falta do reconhecimento do carácter distinto do seu ministério, que são os principais responsáveis pela confusão teológica e divisão que tem agrilhado a Igreja durante séculos.

O conteúdo deste volume foi grandemente extraído dos artigos escritos durante um espaço de 44 anos, e o seu argumento básico nunca foi desafiado com sucesso; de facto, os argumentos apresentados contra alguns deles têm servido para confirmar “os crentes da graça” na sua posição a favor do ministério dado por Deus a Paulo como sendo separado e distinto do dos doze apóstolos. Entretanto – só pela graça de Deus – estes artigos têm trazido luz adicional e compreensão da Palavra de Deus a uma multidão de crentes sinceros. Este facto parece indicar que *Paulo, o Seu Apostolado e Mensagem* pode, sob Deus, ser usado para ajudar muitos dos seus leitores na compreensão das Escrituras – numa época em que isto é tão intensamente necessário.

Não reclamamos nenhum entendimento superior da Palavra de Deus ou qualquer dom especial para comunicar as suas verdades aos outros. Pelo contrário, reconhecemos sinceramente que *qualquer* luz ou bênção adquiridas pela leitura deste livro terá vindo *da parte de Deus*. Assim, oramos fervorosamente para que o Espírito Santo abra corações a fim de que recebam alguma *verdade* que este livro apresenta e discirnam quaisquer erros que possam surgir. Não pedimos a ninguém que creia em nós, mas que comparem as nossas palavras com a Palavra de Deus, que considerem com sinceridade os nossos argumentos, à luz das Escrituras, bem manejadas.

Agora que este volume vai para o prelo, esperamos que os factos apresentados relativamente a *Paulo, o Seu Apostolado e Mensagem*, tragam ricas bênçãos aos corações dos nossos leitores, como, na verdade, trouxeram ao coração do escritor.

- *Cornelius R. Stam*

Chicago, Illinois
Abril, 15, 1985

Estamos convencidos de que os argumentos básicos colocados neste livro *não podem* ser respondidos por aqueles que consideram a chamada “Grande Comissão” a sua “guia de marcha”. No entanto não os desafiamos a tentarem-no. Antes oramos para que, como os nobres Bereanos, os considerem com um coração e mente abertos, examinando diligentemente as Escrituras para verem «*se estas coisas são assim*».

INTRODUÇÃO

A CONVERSÃO DE SAULO DE TARSO

Um evento na história que provavelmente se ergue, em grau de importância, a seguir à morte e ressurreição de Cristo, é a conversão e comissão de Saulo de Tarso, posteriormente conhecido como *o Apóstolo Paulo*. No entanto este grande evento é quase ignorado pelos historiadores, e não tem quaisquer celebrações ou feriados dedicados à sua memória.

Além disso, o significado do lugar de Paulo na história, e no programa de Deus tem quase sido perdido de vista *pela Igreja*. Como resultado ele é considerado, mesmo pelos Cristãos crentes, como meramente “um apóstolo” juntamente com os doze. No entanto ele foi escolhido totalmente à parte dos doze, longe de Jerusalém, em território Gentílico. E ele *não* foi um seguidor de Cristo como eles tinham sido (Mat. 19.28); pelo contrário, precisamente na véspera da sua conversão ele estava «*respirando ainda ameaças e mortes contra os discípulos do Senhor*» (Actos 9.1). E *na* sua conversão ele foi logo designado apóstolo (Act. 26.16,17; cf. 20.24).

A conversão de Paulo é mais detalhadamente descrita e mais vezes referida nas Escrituras do que qualquer outra conversão, ou na verdade, do que qualquer outra experiência pessoal, exceptuando a crucificação e ressurreição de Cristo. A maior parte de três capítulos separados nos Actos ocupa-se com este relato e é o tema *principal* de dois dos cinco discursos registados de Paulo. O próprio apóstolo está tão consciente da importância da sua conversão em relação ao evangelho da graça de Deus que se refere a ela repetidas vezes nas suas epístolas.

Em Paulo aprendemos *o que o Senhor Jesus Cristo realizou no Calvário*, pois Paulo era, como ele mesmo testifica, o principal dos pecadores, salvo pela infinita graça de Deus (I Tim. 1.13-16), graça que apenas podia ser conferida «*pela redenção que há em Cristo Jesus*» (Rom. 3.24).

O argumento de que a sinceridade de Paulo na sua oposição a Cristo constituía alguma desculpa para o seu homicídio e blasfémia não tem base, pois dessa forma “o que tu crês sinceramente” toma o lugar *daquilo que Deus tem dito na Sua Palavra*, e assim o homem não é mais responsável pela obediência à vontade revelada de Deus. Nós estamos a colher os frutos desta filosofia ímpia que nos rodeia nos nossos dias.

Mas o facto estranho é que alguns, que aborrecem esta filosofia, parecem fazer uma excepção no caso de Saulo de Tarso. Num esforço para provarem que ele *não* era o principal dos pecadores, apontam para a sua sinceridade e fazem dele, afinal, num bom homem! E isso quando sabem que Deus repudia completamente até as melhores obras dos que rejeitam Cristo.

O facto é que Paulo *podia e devia* ter conhecido que Jesus era o Cristo, porém ele não desejou conhecer isto. Ele enganou-se ao pensar que «*contra o nome de Jesus Nazareno devia praticar muitos actos*».

O profundo ódio que Paulo tinha a Cristo elevou-o a uma alta posição em Israel. Quando ele «*perseguia a igreja de Deus e a assolava*», ele «*excedeu em Judaísmo a muitos da [sua] idade*» (Gál. 1.13,14).

À luz de tudo isto, Deus deve ter tido algum propósito muito *especial* ao salvá-lo. É sobre isto que este volume trata realmente. Está escrito para demonstrar *pelas Escrituras* que Deus levantou Paulo para ser tanto o arauto como a demonstração viva da Sua graça para um mundo condenado.

Uma Nova Dispensação

Capítulo I

PAULO, O MODELO

O MISTÉRIO REVELADO

A conversão de Paulo assinalou o *começo* da revelação do mistério do propósito e graça de Deus. Na verdade, o próprio facto de *um outro* apóstolo, completamente separado dos doze, ter sido levantado, indica claramente que Deus tinha começado a introduzir uma *nova* dispensação: «*a dispensação da graça de Deus*» (Efé. 3.1-4). O Dr. I. R. Dean disse disto:

“Porque é que era necessário Paulo ter uma nova revelação do evangelho se ele devia pregar o mesmo evangelho que João Baptista e Cristo e os Seus discípulos pregaram? Onde reside a diferença?”

“João Baptista e Cristo e os Seus discípulos ofereceram a *Israel* um Messias ... *O evangelho de Paulo* não oferece, de forma alguma, um Messias a Israel; Deus agora não está a oferecer um *Messias* a ninguém” (*The Coming King*, P.210).

Dean estava certo, pois em vez de agora estar a oferecer um Messias Deus está a oferecer reconciliação pela graça a todos os homens, num mundo onde o Messias, o Rei, foi, e continua a ser, rejeitado.

«*Porque Deus encerrou a todos debaixo da desobediência, para com todos usar de misericórdia*» (Rom. 11.32).

NASCIDO COMO UM ABORTIVO, OU, ANTES DO TEMPO DEVIDO

Uma palavra adicional deveria ser dita acerca da conversão de Saulo. Em I Cor. 15.8 ele designa-se de «*um abortivo*». Aqui ele parece comparar a sua própria conversão com a futura conversão de Israel, pois o termo no Grego indica um “aborto”, ou nascimento prematuro.

E muitos crentes Judeus não tinham sido salvos sob o ministério terreno do Senhor e em Pentecostes? Eles não foram também nascidos como “abortivos” ou antes do tempo devido? Sim, mas algo significativo ocorreu entre ambos – Paulo e eles.

Os discípulos Judeus tinham sido salvos durante o que Cristo chamou, *o dia de Israel e o tempo da tua visita*ção (Lucas 19.41-44). O nosso Senhor também chamou a este tempo «*o ano aceitável do Senhor*» para Israel (Lucas 4.19). Além de que este «*ano aceitável do Senhor*» foi prorrogado pela intercessão do Senhor na cruz (Lucas 23.34; cf., Lucas 13.8).

Todavia os apóstolos não podiam ter sabido que Pentecostes, quando o reino estava então a ser *oferecido*, não era o «*tempo devido*» para a conversão de Israel, pois o nosso Senhor tinha-Se recusado dizer-lhes isso (Ver Actos 1.6,7).

Mas com o homicídio de Estêvão e a «*grande perseguição*» que se seguiu, tornou-se evidente que Israel não aceitaria Cristo. Por este acto de rebelião a nação respondeu à questão dos apóstolos de Cristo quanto ao estabelecimento do Seu reino. Agora a conversão de Israel tem que esperar um dia *futuro*; o «*tempo devido*» ainda está para acontecer, mesmo apesar de todos não terem ainda compreendido isso.

É por isso que Paulo fala de si mesmo como tendo nascido *antes* do “tempo devido”, ou como «*um abortivo*» e não “no tempo devido”. Todavia, não se depreende de tudo isto que a conversão de Paulo fosse necessariamente típica de toda a nação de Israel.

Tendo Paulo nascido como «*um abortivo*», ou *antes* do tempo devido, tem uma relação mais directa connosco Gentios do que com Israel. Israel nascerá de novo *no* tempo devido, enquanto que nós, como Paulo, nascemos como «*abortivos*», ou *antes* do tempo devido. Clarifiquemos:

Quando é que é o “tempo devido” para Israel, como nação, ser salva? Passado, presente ou futuro? É claro que a resposta é *futuro*. Quando é que é o “tempo devido” para os Gentios serem salvos? A resposta da profecia também é a mesma: futuro, pois os Gentios, de acordo com o concerto e a profecia, serão salvos *por intermédio da nação de Israel remida* (Isa. 60.1-3; Lucas 2.30-32). Quando, então, hoje, os Judeus são salvos, são-no “no tempo devido”, profeticamente falando, ou, “antes do tempo devido”? Certamente que “*antes do tempo devido*”, e por *graça*. E quando, hoje, os *Gentios* são salvos, são salvos “no tempo devido”, ou “antes do tempo devido”? A resposta também é “*antes do tempo devido*”, pois segundo a profecia, a salvação dos gentios era para ter sido - e será - *resultado* da conversão de Israel, enquanto que *agora* Judeus e Gentios são salvos numa base de igualdade.

Por conseguinte, quando, hoje, Judeus e gentios são salvos e reconciliados com Deus num só corpo, são salvos como «*abortivos*», ou *antes* do tempo devido, não na base de qualquer concerto que Deus tenha feito com eles, mas por pura *graça*; não segundo a profecia, mas de acordo com o *mistério* revelado a Paulo e por seu intermédio.

Alguns insistem que a conversão de Saulo era apenas “um modelo” da conversão de Israel, mas não é isso que *ele* diz. Ele afirma, pela inspiração do Espírito, que Cristo, no seu caso, mostrou «*toda a Sua longanimidade, para exemplo dos que haviam de crer n’Ele (Cristo) para a vida eterna*» (I Tim. 1.16).

SERÁ QUE DAMOS A PAULO UMA PROEMINÊNCIA INDEVIDA?

Será que na nossa pregação e escritos fazemos de Paulo mais do que aquilo que ele é? Estar-lhe-emos a dar proeminência indevida? É verdade que nos nossos ensinamos referimo-

nos muitas vezes a Paulo e baseamos os nossos discursos no que ele diz nas suas epístolas. De facto, há somente uma pessoa de quem falamos mais – muitas vezes mais – do que Paulo, e essa pessoa é *o Senhor Jesus Cristo*. Mas há *uma razão válida* para nos referirmos a Paulo tantas vezes como fazemos, e falarmos dele apenas menos do que falamos de Cristo.

PAULO, O MODELO

O Senhor não lhe confiou apenas a mensagem e o programa para nós, hoje, como colocou-o como modelo para nós seguirmos (1) na *salvação*, (2) no *serviço*, e (3) na *conduta*. Demonstramos isto pelas Escrituras. Os Modernistas e os Liberais têm ensinado durante anos que Cristo é o nosso exemplo, ou modelo; que nós devemos segui-Lo “nas Suas pisadas”, e segui-Lo para sermos salvos e abençoados. Mas isto é contrário às Escrituras.

O NOSSO MODELO NA SALVAÇÃO

Como é que o Senhor Jesus poderia ser o nosso modelo para a salvação? Ele viveu uma vida *perfeita*, por isso a Sua perfeição só poderia chamar a atenção para a nossa imperfeição. A Sua santidade só poderia enfatizar a nossa pecaminosidade e indignidade. A Sua vida *condenar-nos-ia*; é a Sua morte que nos salva. É por isso que Paulo nos proclama «o evangelho ... pelo qual somos salvos ... que Cristo morreu pelos nossos pecados» (I Cor. 15.1-3).

Mas mais, o Senhor não poderia ser o nosso modelo na salvação porque viveu sob uma dispensação diferente. Viveu debaixo da Lei, como lemos em Gál. 4.4, e muitas outras passagens. Ele foi circuncidado ao oitavo dia num ritual religioso. Assistia na Sinagoga todos os dias (sétimos) sábados. Ele observou os dias de festa da Lei. Deveremos segui-Lo em todas estas coisas?

Não! O Senhor Jesus ergue-se só. Ele é o Filho de Deus, Deus o Filho, o nosso *Salvador*. É verdade que quando na *terra* Ele disse para O seguirem, mas em vez disso reclamaram, «*Tira! Tira!*» e crucificaram-O, enviando-O de volta para o céu como um exilado do Seu próprio mundo. E é aqui que Paulo entra.

O Senhor sabia que seria rejeitado. As Escrituras tinham-no predito há muito. Assim, em admirável amor e misericórdia, o Senhor rejeitado, em vez de julgar logo o mundo, interrompeu o curso do programa profético e *salvou* Saulo de Tarso, o principal dos pecadores e o líder da rebelião do mundo. Assim, Ele não só introduziu «*a dispensação da graça de Deus*» como estabeleceu Paulo como modelo para a nossa salvação – um pobre pecador indigno, salvo porque «*a graça de nosso Senhor superabundou*». Poderia Paulo declarar isto com mais clareza do que a que apresenta em I Tim 1.13-16?

«*A mim, que dantes fui blasfemo, e perseguidor, e injurioso; mas alcancei misericórdia, porque o fiz ignorantemente, na incredulidade.*»

«E a graça de nosso Senhor superabundou com a fé e amor que há em Jesus Cristo.

«Esta é uma palavra fiel, e digna de toda a aceitação, que Cristo Jesus veio ao mundo, para salvar os pecadores, dos quais eu sou o principal.

«Mas por isso alcancei misericórdia, para que em mim, que sou o principal, Jesus Cristo mostrasse toda a Sua longanimidade, **PARA EXEMPLO** dos que haviam de crer n'Ele para a vida eterna.»

Aqui devemos considerar cuidadosamente Rom. 5.20,21 para vermos que Paulo, na sua conversão, foi o retrato da introdução duma nova dispensação em que a graça *reina*. Ele não foi nosso modelo em todos os aspectos, mas na graça que lhe foi revelada como pecador (I Tim. 1.14,16).

Como vimos, o Senhor Jesus Cristo *não poderia* ser nosso modelo na salvação, mas Paulo constitui decerto um modelo ideal: um pecador – um grande pecador – salvo por *graça superabundante!* Assim, para se ser salvo, tem que se tomar Paulo como modelo e Cristo como Salvador. Temos que, por assim dizer, tomar o nosso lugar com Paulo e dizer, “Também sou pecador – um enorme pecador”, confiando em *Cristo* como nosso Salvador. Fazendo-o, podemos-nos regozijar na verdade de Efésios 1.7:

«Em Quem [Cristo] temos a redenção pelo Seu sangue, a remissão das ofensas, segundo as riquezas da Sua graça».

Foi esta mensagem de abundante e indiscriminada graça para pecadores que Paulo gastou a sua vida a proclamar e a defender.

O NOSSO MODELO NO SERVIÇO

Do mesmo modo que Paulo é o nosso modelo na salvação, ele *também* é o nosso modelo no serviço. Notemos o que Efé. 3.8,9 diz acerca disso:

«A mim, o mínimo de todos os santos, me foi dada esta graça de anunciar entre os gentios, por meio do evangelho, as riquezas incompreensíveis de Cristo» (Ver. 8).

Porque é que Deus escolheu alguém que era «o mínimo de todos os santos» para ocupar esta posição elevada? O versículo 9 diz-nos:

«E demonstrar a todos qual seja a dispensação (comunhão¹) do mistério, que desde os séculos esteve oculto em Deus, que tudo criou por meio de Jesus Cristo».

¹ No *Textus Receptus* a palavra é *koinonia*, ou comunhão. O autor uma vez seguiu aqueles que defendiam que deveria ser *oikonomia*, ou dispensação, mas um estudo adicional convenceu-o de que a palavra “comunhão” está correcta. Se, contudo, fosse a palavra “dispensação”, isso também seria *verdade*, pois Paulo proclamou a dispensação do mistério.

O significado, muito claramente, é que Paulo, *o mínimo de todos os santos*, foi escolhido para proclamar entre as nações «*as riquezas incompreensíveis de Cristo*» - «*E*», isto é, *e assim*, demonstrar a todos os homens «*qual seja dispensação do mistério*», isto é, para mostrar-lhes *a espécie* de pessoas que Deus usa nesta “administração conjunta”. Assim como o principal dos pecadores foi *salvo* para mostrar que Deus salvará o mais vil dos pecadores, do mesmo modo ele, que era «*o mínimo de todos os santos*», foi *usado* por Deus para mostrar que Deus quer usar o mais pobre dos santos.

Quantos crentes têm dito, “Oh, Ele não pode usar-me!”. Mas pode. Ele não usou Paulo, o mínimo de todos os santos, para proclamar as riquezas incompreensíveis de Cristo? Dirás: “Mas crês que Paulo foi *realmente* «o mínimo de todos os santos»?”. Bem, é a Palavra de Deus que diz que ele era o principal dos pecadores e o mínimo de todos os santos. A Palavra de Deus não é a verdade? Paulo não escreveu aquelas coisas apenas por modéstia, mas por inspiração divina. “Mas”, dirás tu, “Vê como Deus o usou!” Ah, sim, mas isso foi «*graça dada*» (Ver. 8; cf. Gál. 2.9).

I Cor. 1.27 não diz que Deus escolheu as coisas fracas deste mundo para confundir as fortes; e as que não são para confundir as que são? E em Romanos 7 lemos e vemos nos versículos finais como o apóstolo lutou com a sua própria velha natureza e exclamou,

«*Miserável homem que eu sou! Quem me livrará do corpo desta morte?*».

Todavia ele exclama no último versículo:

«*Dou graças a Deus por Jesus Cristo nosso Senhor*».

Do mesmo modo que Deus *salvou* Saulo, o principal dos pecadores, para garantir que qualquer pecador pode ser salvo, *usou* Paulo, o mínimo de todos os santos, para garantir que Deus pode e espera usar qualquer santo.

Que graça, termos «*este tesouro (as riquezas da graça de Deus) em vasos de barro*» (*tão facilmente estragáveis e quebráveis*) «*para que a excelência do poder seja de Deus, e não de nós*» (2 Cor. 4.7). Que, então, nenhum filho de Deus se escuse servir a Deus com o argumento, “Oh, Ele não pode usar-me!”. Pelo contrário, que, por assim dizer, avancemos para a linha da frente, com a pergunta, «*Senhor, que queres que eu faça?*»

O NOSSO MODELO NA CONDUTA

Finalmente, Deus escolheu Paulo para ser o nosso modelo igualmente no *comportamento ou conduta*. Na nossa presente condição e neste «*presente século mau*» não seremos ajudados tentando seguir Cristo como nosso exemplo. É verdade que devemos possuir as Suas virtudes morais e espirituais, mas se não for por graça, nunca as possuiremos. Ficamos tão destituídos dessa realidade que só podemos servir de contraste e nunca de comparação. Contudo, Paulo é um modelo ideal no que diz respeito à nossa conduta. Escutemo-lo:

«Não que já a tenha alcançado, ou que seja perfeito; ...

«Irmãos, quanto a mim, não julgo que o haja alcançado; mas uma coisa faço, e é que, esquecendo-me das coisas que atrás ficam, e avançando para as que estão diante de mim,

«Prossigo para o alvo, pelo prémio da soberana vocação de Deus em Cristo Jesus» (Fil. 3.12-14).

E depois acrescenta:

«Sede também meus imitadores, irmãos, e tende cuidado, segundo o exemplo que tendes em nós, pelos que assim andam» (Ver. 17).

Nós *não podemos* seguir Cristo como nosso exemplo, nem moral nem dispensacionalmente. Porém Paulo constitui para nós um perfeito exemplo a seguir na nossa conduta. Ele reconhece prontamente o seu próprio fracasso em *«alcançar»* completamente ou em atingir a perfeição. Mas ele tinha um segredo! Sabendo que repousar nos sucessos passados só o incharia, e jazer nos fracassos passados só o desanimaria, ele estava determinado em *«esquecer-se das coisas que atrás ficam, e avançar para as que estão diante»*, prosseguindo para o bendito alvo - *«a soberana vocação ou chamada»*. E esse é também o segredo para nós. Tendo nós recebido, em graça, da parte de Deus, uma posição em Cristo, à Sua mão direita, abençoados com todas as bênçãos espirituais (Efé. 2.5,6; 1.3), devemos agora *ocupar* pela fé essa posição e *apropriar* essas bênçãos. Que grande vitória ter conhecimento deste bendito segredo!

Se, na verdade, Deus nos deu uma posição nos lugares celestiais, podemos – sim, e *devemos* - ocupar essa posição. E se Deus nos abençoou com todas as bênçãos espirituais nos lugares celestiais, não será um insulto ao Seu amor e graça, *não* levar a sério a Sua Palavra, e não apropriá-las?

Sim, Deus deu-nos um grande Salvador para nos salvar e abençoar, e o modelo mais apropriado para seguirmos, na salvação, no serviço e na conduta.

Uma Consideração Básica

Capítulo II

AUTORIDADE APOSTÓLICA

OS DOZE APÓSTOLOS E PAULO

Nós, membros do Corpo de Cristo, nunca desfrutaremos de unidade doutrinal até reconhecermos o facto importante de que quando Israel rejeitou o Messias e o Seu reino, os doze apóstolos foram suplantados por *um outro* apóstolo que, como representante do Senhor rejeitado mas glorificado, introduziu a presente «*dispensação da graça de Deus*» (Efé. 3.1-4).

OS DOZE APÓSTOLOS

Toda a criança da Escola Dominical sabe que o nosso Senhor, quando na terra, escolheu doze apóstolos para O acompanhar no Seu ministério. Mas, por via do contraste, quantos pregadores de púlpito compreendem *porque* é que Ele escolheu *doze*, ou o que isso envolve?

O que *todos* nós devemos compreender é que o nosso Senhor, quando na terra, proclamou «*o evangelho do reino*», as boas novas da restauração – em maior glória - do reino de Israel na terra, e que neste reino os *doze* apóstolos assentar-se-ão sobre *doze* tronos, com Ele, como juízes sobre as *doze* tribos de Israel (Mat. 19.28; Lucas 22.28-30).

Todavia, o nosso Senhor explicou aos Seus discípulos que este reino não seria estabelecido antes de primeiro Ele ter sofrido, morrido e ressuscitado, pois os profetas tinham claramente predito «*os sofrimentos que a Cristo haviam de vir, e a glória que se lhes havia de seguir*» (I Ped. 1.11).

Quando, após a Sua ressurreição, os apóstolos Lhe perguntaram, «*Senhor, restaurarás Tu neste tempo o reino a Israel?*» (Actos 1.6), Ele não modificou de forma alguma a Sua promessa, mas disse tão somente, «*Não vos pertence saber os tempos ou as estações ...*» (Ver. 7) pois, humanamente falando, a resposta à questão deles estava pendente. Dependia da resposta de Israel à amnistia oferecida pela oração do Senhor na cruz (Lucas 23.34), e anunciada em Pentecostes (Actos 2.38,39; 3.19-21; cf. Lucas 13.6-9).

PODERES APOSTÓLICOS

Face à proximidade da Sua ascensão ao céu, o Senhor deu aos apóstolos poderes oficiais para exercerem na Sua ausência. Entre outras coisas Ele disse-lhes:

«E eu te darei [Pedro] as chaves do reino dos céus; e tudo o que ligares na terra será ligado nos céus, e tudo o que desligares na terra será desligado nos céus» (Mat. 16.19).

«Em verdade vos digo [doze] que tudo o que ligardes na terra será ligado no céu, e tudo o que desligardes na terra será desligado no céu» (Mat. 18.18).

«Àqueles a quem perdoardes os pecados lhes são perdoados; e àqueles a quem os retiverdes lhes são retidos» (João 20.23).

Que arrazoados tem havido entre os Protestantes sobre estes versículos; que esforços para os explicar! Mas, os seus argumentos para os clamores Católico Romanos apresentam-se tão débeis quanto o fio de algodão.

Então devemo-nos voltar para Roma e confiar as nossas almas a *homens*, homens que nos podem tanto abençoar como amaldiçoar consoante a sua vontade – homens que sabem menos do que nós? De forma alguma!

A solução para este problema é dispensacional. Foi dada autoridade aos apóstolos para actuarem oficialmente na ausência do Messias, mesmo no que concerne ao perdão dos pecados, representativamente, claro. Em Pentecostes Pedro não ordenou aos seus ouvintes convictos: «Arrependei-vos, e cada um de vós seja baptizado em nome de Jesus Cristo, **para perdão dos pecados?**» E Pedro e os outros não prosseguiram baptizando os que se tinham arrependido?

Mas uma pessoa sagaz não poderia ter enganado os apóstolos? Não. *Ananias enganou-os?* Ele foi levado morto! E não poderia haver nenhum erro? Não, pois *estavam todos «cheios do Espírito Santo»* (Actos 2.4) e fora-lhes dado poderes miraculosos especiais, incluindo o «*dom de conhecimento*»²

Como sabemos, Judas «*se desviou*», mas obedecendo às Escrituras, Pedro e os demais apóstolos e discípulos actuaram logo para restaurarem novamente para doze o número de apóstolos. Como resultado «*Matias ... foi contado com os onze ... E todos foram cheios do Espírito Santo*» (Actos 1.15-2.4).³

UM OUTRO APÓSTOLO

Mas apesar de milhares de pessoas se terem volvido para Cristo sob o ministério dos doze, a nação como tal, e especialmente os governantes, permaneceu renitente na sua rejeição de Cristo e do Seu reino. Finalmente Estêvão foi apedrejado e uma grande perseguição levantou-se contra os seguidores de Cristo. Em resposta Deus levantou *um outro* apóstolo, Paulo, para introduzir uma dispensação nova e diferente, «*a dispensação da*

² Este assunto é debatido mais desenvolvidamente na brochura do autor, *A Autoridade Apostólica dos Doze*.

³ A questão de Paulo dever, ou não, ter tomado o lugar de Judas é discutida em maior profundidade neste volume. Mas o facto deles terem sido todos cheios do Espírito Santo é prova suficiente de que Matias era a escolha de Deus.

graça de Deus» (Efé. 3.1-3). Começou assim a «*rejeição*» de Israel por um tempo (Rom. 11.13-15,25).

Que Paulo proclamou uma mensagem distinta, nunca antes proclamada, é evidente em muitos dos seus escritos, mas citamos aqui a sua declaração importante em Gál.2.2,9:

«E subi por uma revelação, e lhes expus o evangelho, que prego entre os gentios, e particularmente aos que estavam em estima; para que de maneira alguma não corresse ou não tivesse corrido em vão ... E conhecendo Tiago, Cefas e João, que eram considerados como as colunas, a graça que me havia sido dada, deram-nos as destros, em comunhão comigo e com Barnabé, para que nós fôssemos aos gentios, e eles à circuncisão».

A passagem acima, de forma alguma, pode ser interpretada como significando que Paulo foi a Jerusalém para “se certificar junto dos apóstolos ali” de que estavam todos a pregar a mesma coisa.

A passagem diz-nos que Paulo «*subiu por uma revelação*». Ele foi *enviado* por Deus. E quando chegou ali, ele diz, *«lhes expus o evangelho que prego entre os gentios»*. Certamente que as palavras «*o evangelho que prego*» caracterizam a sua mensagem como sendo *diferente* da deles. Mas há mais. Ele diz: «*[subi] particularmente aos que estavam em estima; para que de maneira alguma não corresse ou não tivesse corrido em vão*». Porque é que ele havia de fazer isto se a sua mensagem era a mesma que a deles? Mas para completar a evidência, lemos a seguir que Tiago, Cefas [Pedro] e João, vendo a validade do seu ministério, deram um aperto de mãos a ele e a Barnabé, publicamente, concordando solene e oficialmente que Paulo deveria continuar a ir aos Gentios, enquanto que eles restringiriam o seu ministério a Israel.

Assim, aqueles que, originalmente, tinham sido enviados a «*todas as nações*» e a «*todo o mundo*», concordam que agora tinha ocorrido uma mudança. Deus tinha designado *Paulo* para ir aos Gentios com «*o evangelho da graça de Deus*», de modo que eles agora deveriam limitar o seu ministério à «*circuncisão*». Assim, com efeito, eles libertaram-se da sua “grande comissão”, e de forma clara, o que eles desligaram na terra através de um solene e público acordo, foi também desligado no céu.

OS CLAMORES DE PAULO

Os próprios clamores de Paulo, inspirados pelo Espírito, relativamente ao carácter distinto do seu ministério como apóstolo dos Gentios não deixa qualquer margem para dúvidas no que diz respeito a este assunto. Consideremos os seguintes exemplos:

Romanos 11.13: «*Porque convosco falo, gentios, que, enquanto for apóstolo dos gentios, exalto o meu ministério*».

Gál. 1.11,12: «*Mas faço-vos saber, irmãos, que o evangelho que por mim foi anunciado não é segundo os homens*».

«Porque não o recebi, nem aprendi de homem algum, mas pela revelação de Jesus Cristo».

Efé. 3.1-3: *«Por esta causa eu, Paulo, sou o prisioneiro de Jesus Cristo por vós, os gentios;*

«Se é que tendes ouvido a dispensação da graça de Deus, que para convosco me foi dada;

«Como me foi este mistério manifestado pela revelação ...».

Col. 1.25: *«... eu estou feito ministro segundo a dispensação de Deus, que me foi concedida para convosco, para cumprir [completar] a palavra de Deus».*

I Tim. 2.5-7: *« Porque há um só Deus, e um só Mediador entre Deus e os homens, Jesus Cristo Homem.*

«O qual Se deu a Si mesmo em preço de redenção por todos, para servir de testemunho a seu tempo.

«Para o que (digo a verdade em Cristo, não minto) fui constituído pregador, e apóstolo, e doutor dos gentios na fé e na verdade».

Tito 1.2,3: *«Em esperança da vida eterna, a qual Deus, que não pode mentir, prometeu antes dos tempos dos séculos;*

«Mas a seu tempo manifestou a Sua palavra pela pregação que me foi confiada segundo o mandamento de Deus, nosso Salvador».

AS DOZE TRIBOS E O UM SÓ CORPO

OS DOZE E PAULO COMO REPRESENTANTES

Tem Sido ensinado muitas vezes que os doze apóstolos representam a Igreja desta dispensação precisamente do mesmo modo que os doze patriarcas representavam Israel.

É claro que isto é oriundo da mesma tradição antiga de que Pentecostes assinalou o começo do Corpo de Cristo, porém é absolutamente destituído de fundamento bíblico.

Em Mateus 19.28 é declarado com clareza que *os doze apóstolos* representavam a nação de *Israel*.

«E Jesus disse-lhes: Em verdade vos digo que vós, que Me seguistes, quando, na regeneração, o Filho do homem Se assentar no trono da Sua glória, também vos assentareis sobre doze tronos, para julgar as doze tribos de Israel».

Esta promessa foi feita sem restrições, por Cristo, o Rei, aos doze apóstolos, e decerto de que Ele a cumprirá. Deus tinha um outro apóstolo para representar o Corpo de Cristo. Tratava-se de Paulo. Aos que duvidam disto colocamos a questão: Se os doze apóstolos representavam a Igreja *desta dispensação* e se, em Pentecostes, a mensagem deles trouxe cerca de três mil almas para o Corpo de Cristo – *qual a razão de Paulo?*

As Escrituras ensinam com clareza que os doze representavam Israel (Mat. 19.28), por isso Paulo representava o Corpo de Cristo (Col. 1.24,25).

Consideremos Paulo:

Ele era Judeu ou Gentio?

Dirás: “Era Hebreu!”

Bem, ele era Hebreu por *nascimento*, ou foi *naturalizado*?

“Oh”, dirás, “Ele *nasceu* Hebreu, «da tribo de Benjamim».

E ele era muito Hebreu, ou apenas pobremente?

Responderás de novo: “Ele era «*Hebreu de Hebreus*»”.

E estás certo. Paulo era *intensamente* Hebreu.

Mas, espera, *também era Romano!*

Após a sua experiência à meia-noite, em Filipos, ele aterrorizou os corações dos governantes quando disse:

«Açoitaram-nos publicamente e, sem sermos condenados, sendo homens Romanos, nos lançaram na prisão, e agora encobertamente nos lançam fora? Não será assim; mas venham eles mesmos e tirem-nos para fora».

Portanto ele era muito Romano!

Em Actos 21.39 encontramos-lo a dizer ao Tribuno em Jerusalém: «*Na verdade que sou um homem judeu, cidadão de Tarso, cidade não pouco célebre na Cilícia*», e no capítulo seguinte diz ao centurião:

«É-vos lícito açoitar um romano, sem ser condenado? E, ouvindo isto, o centurião foi, e anunciou ao tribuno, dizendo: Vê o que vais fazer, porque este homem é Romano. E, vindo o tribuno, disse-lhe: Diz-me, és tu Romano? E ele disse: Sim. E respondeu o tribuno: Eu com grande soma de dinheiro alcancei este direito de cidadão. Paulo disse: Mas eu o sou de nascimento. E logo dele se apartaram os que o haviam de examinar; e até o tribuno teve temor, quando soube que era Romano, visto que o tinha ligado» (Actos 22.25-29).

Vemos assim que Paulo era muito Hebreu, mas também muito Romano; religiosamente Hebreu e politicamente Romano.

De nascimento, Ele era tanto Hebreu como Romano.

Que representante apropriado para a Igreja *desta dispensação*! Um representante de Judeus e Gentios *numa só pessoa*! É isso que a Igreja de hoje é: um «*corpo*» composto por crentes Judeus e Gentios. Além disso, Paulo tinha sido um *inimigo* de Cristo, agora gloriosamente *reconciliado* pela graça, e é exactamente isso que a Igreja de hoje é:

Efé. 2.14: «*Porque ele é a nossa paz, o qual de AMBOS os povos fez Um ...*».

Efé. 2.15: «*... para criar em si mesmo DOS DOIS UM NOVO HOMEM ...*».

Efé. 2.16: «*E pela cruz reconciliar AMBOS com Deus EM UM CORPO, matando com ela as inimizades*».

Vozes Para Serem Obedecidas

Capítulo III

EU OUVI UMA VOZ

DECLARAÇÃO DE PEDRO

II Pedro 1:16-18

“Porque não vos fizemos saber a virtude e a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo, seguindo fábulas artificialmente compostas: mas nós mesmos VIMOS a Sua majestade.

“Porquanto Ele recebeu de Deus Pai honra e glória, quando DA MAGNÍFICA GLÓRIA Lhe foi dirigida a seguinte VOZ: Este é o Meu Filho amado em quem Me tenho comprazido.

“E OUVIMOS ESTA VOZ dirigida do céu, estando nós com Ele no monte santo”.

DECLARAÇÃO DE PAULO

Actos 22:7, 14, 15

“E caí por terra, e OUVI UMA VOZ que me dizia: Saulo, Saulo, porque Me persegues?”

“E ele (Ananias disse: O Deus de nossos pais de antemão te designou para que conheças a Sua vontade, e vejas Aquele justo, o OUÇAS A VOZ DA SUA BOCA.

“Porque hás-de ser Sua testemunha para com todos os homens do que tens visto e ouvido”.

Tanto Pedro, como Paulo, viram o Senhor na glória. Ambos ouviram vozes do céu. E ambos foram enviados para serem testemunhas das coisas que tinham *visto e ouvido* (Actos 4.20; 22.15). No entanto houve uma diferença distinta nas circunstâncias e no significado das suas experiências.

Pedro viu o Senhor na Sua glória *na terra*; Paulo viu-O na Sua glória *no céu*. Pedro viu-O na Sua glória *real*, no Seu *reino*; Paulo viu-O na glória da Sua *graça* à mão direita do Pai. A voz que Pedro ouviu tinha em vista a *aceitação* de Cristo («*Ouvi-O*», Mateus 17:5); a voz que Paulo ouviu tinha em vista a *rejeição* de Cristo («*Porque Me persegues?*» Actos 9.4). A experiência de Pedro foi uma demonstração do «*poder e vinda*» de Cristo; a de Paulo foi uma demonstração da *graça que O levou a adiar a Sua vinda*⁴ (II Pedro 3:9, 15). A experiência de Pedro harmonizava-se com o seu ministério relativamente ao *reino*; a de Paulo com o seu ministério como apóstolo da *graça de Deus*.

⁴ Isto é, para julgar e reinar.

PEDRO NO ALTO MONTE

Em Mateus 4:17 lemos: «*Desde então começou Jesus a pregar, e a dizer: ‘arrependei-vos, porque é chegado o reino dos céus’*», e o décimo capítulo diz-nos como Ele enviou os doze com a mesma mensagem.

Como é que esta mensagem foi recebida? Vejamos o registo em Mateus 16:21:

“Desde então [uns dois anos mais tarde] começou Jesus a mostrar aos Seus discípulos que convinha ir a Jerusalém, e padecer muito dos anciãos, e dos principais dos sacerdotes, e dos escribas, e ser morto, e ressuscitar ao terceiro dia»

Imaginemos agora os sentimentos dos apóstolos! Eles já se encontravam desencorajados com a ausência de resposta à sua proclamação do reino, e agora que a oposição dos líderes se torna mais determinada o Senhor começa a falar em ser morto!

O que sucedeu às reivindicações do Seu reino? É verdade que Ele predisse que ressuscitaria ao terceiro dia, mas isso era demais para eles crerem. Lucas 18:34 diz-nos, enfatizando três vezes, que eles não tinham arcaboço para abarcar com aquilo. Tudo o que eles podiam ver era a Sua rejeição presente por parte de Israel, a possibilidade da Sua morte, e o desvanecimento das suas esperanças a respeito do reino. Notemos a reacção de Pedro:

«E Pedro, tomando-O de parte, começou a repreendê-lo, dizendo: Senhor, tem compaixão de Ti; de modo nenhum te acontecerá isso» (Ver. 22).

Sem dúvida que esta atitude de dúvida e temor foi uma das razões para o Senhor se ter transfigurado. Nesse dia Pedro, Tiago e João tornaram-se “*testemunhas da Sua majestade*” e ouviram a voz de Deus, confirmando o que tinham visto.

Como eles necessitavam disto antes da cruz! Agora, sucedesse o que sucedesse, pelo menos não tinham qualquer *razão* para duvidarem que Cristo, de acordo com a profecia, reinaria em glória na terra.

SAULO A CAMINHO DE DAMASCO

Como sabemos, Pedro e os outros apóstolos foram incapazes de conduzir Israel ao arrependimento ou convencer a nação de que Jesus era o Cristo. A oposição do governo à mensagem deles tornou-se cada vez mais feroz, especialmente após a Sua ressurreição, até que finalmente «*o sangue de Estêvão*» se derramou, e depois mais sangue, e cada vez mais.

É aqui que lemos pela primeira vez de Saulo de Tarso, pois foi ele que inspirou e liderou a «*grande perseguição*» que assolou em pouco tempo os crentes Pentecostais.

A respeito do brutal assassinio de Estêvão lemos, «E também Saulo consentiu na morte dele», e no mesmo versículo, «E fez-se [levantou-se] naquele dia uma grande perseguição contra a igreja que estava em Jerusalém ... E Saulo assolava a igreja» (Actos 8.1,3).

Nesta perseguição atroz Saulo de Tarso foi inquestionavelmente o representante do espírito de rebelião de Israel contra o Messias, mas no caminho para Damasco, quando a perseguição estava no seu apogeu, o próprio Senhor rejeitado interveio e Saulo, como Pedro, viu o Senhor na Sua glória – agora na Sua glória no céu – e ouviu a Sua voz oriunda da destra do Pai.

Mas que circunstâncias tão diferentes! Pedro, como apóstolo do Senhor, tinha visto e ouvido que Jesus era de facto o Cristo, mas Saulo era inimigo acérrimo de Pedro por este proclamar esse facto. Pedro era o líder da Igreja Pentecostal. Paulo era o líder da perseguição violenta contra essa Igreja.

Quanto à voz que Saulo ouviu do céu deveriam ser notados particularmente dois factos. Primeiro, a rejeição de Israel em relação ao Senhor era agora assumida. Antes do apedrejamento de Estêvão e do levantamento de Saulo como líder da rebelião, tinha sido assumido, ou pelo menos esperava-se, que Israel se arrependeria e aceitaria o seu Messias como seu Rei (Actos 1.6-8; 2.14-21; 36-41; 3.19-21). Mas agora, com Israel a empreender uma perseguição implacável contra a Igreja⁵, com Saulo a assolá-la e a arrasá-la, o Senhor rejeitado brada do céu, «Saulo, Saulo, porque Me persegues?». Depois disto o reino nunca mais foi oferecido a Israel.

Segundo, deveria ser notado que apesar do Senhor reconhecer aqui Saulo como Seu inimigo, trata-o com terno amor e graça. De facto, em vez de julgá-lo, Ele salva-O!

Tudo isto é profundamente significativo, pois uma vez que Israel voltara as costas ao Messias, Deus estava agora a encerrá-los em incredulidade juntamente com os Gentios, «para com todos [Ele] usar de misericórdia» (Rom. 11.32).

Anos depois, olhando retrospectivamente, Paulo refere-se a si como «blasfemo, perseguidor e opressor», todavia continua a explicar que «a graça de nosso Senhor superabundou», acrescentando:

«Esta é uma palavra fiel, e digna de toda a aceitação, que Cristo Jesus veio ao mundo, para salvar os pecadores, dos quais eu sou o principal».

Porém notemos agora com muito cuidado como ele termina a sua declaração, pois a Igreja tem ignorado isto quase completamente:

«Mas por isso alcancei misericórdia, para que em mim, que sou o principal, Jesus Cristo mostrasse toda a Sua longanimidade, para exemplo dos que haviam de crer n'Ele para a vida eterna» (I Tim. 1:13-16).

⁵ A Igreja Pentecostal, claro, não «a Igreja que é o Seu [de Cristo] Corpo».

Para este escritor é difícil de compreender como é que se pode ler esta porção das Escrituras sem se ver que Deus principiou algo novo com a conversão de Saulo. Em vez de julgar logo Israel e o mundo, Deus demonstrou «*as abundantes riquezas da Sua graça*» na salvação de Saulo e introduziu a presente «*dispensação da graça de Deus*».

OS SOFRIMENTOS E A GLÓRIA

O que Pedro viu e ouviu «*no monte santo*» dizia respeito à glória em que ele próprio participaria no reino de Cristo. Porém, o que Paulo viu e ouviu dizia respeito aos *sofrimentos* do Senhor - e aos seus. Aquele que perguntou a Saulo: “*Porque Me persegues?*”, disse a Ananias, a respeito de Saulo: «*Eu te mostrarei quanto [Paulo] deve padecer pelo Meu nome*» (Actos 9.4,16). O Senhor ainda seria rejeitado, e Paulo, o pecador salvo pela graça, sofreria os sofrimentos da Sua rejeição. Assim ele declara em Col. 1:24:

«Regozijo-me agora no que padeço por vós, e na minha carne cumpro o resto da aflições de Cristo, pelo Seu corpo que é a Igreja».

Certamente que ele aqui não queria dizer que podia acrescentar algo à obra consumada para a salvação, realizada por nosso Senhor. A explicação é simplesmente o facto de Cristo ainda estar a ser rejeitado pelo mundo, e em vez de Ele julgar de imediato os Seus ofensores, ter escolhido permanecer num Exílio Real, deixando cá Paulo – e nós – como embaixadores da Sua graça. Assim, Saulo, o perseguidor, transforma-se agora em Paulo, o perseguido, um embaixador de Cristo em território inimigo.⁶ Certamente que os doze também sofreram por Cristo, mas sempre na esperança de que a nação recebesse ainda o seu Messias, enquanto que Paulo declara que foi deixado aqui para proclamar uma oferta de graça e reconciliação a *um mundo que rejeita Cristo*.

Cristo *ainda* está a ser rejeitado por Israel e o mundo, mas quem é que aguenta com os sofrimentos da Sua rejeição? Nós – ou deveríamos. Nós estamos num mundo em inimizade com Deus e o Seu Filho. Erguendo-nos diante dos homens como representantes de Jesus Cristo, exclamamos:

«... somos embaixadores da parte de Cristo, como se Deus por nós rogasse. rogamo-vos pois da parte de Cristo que vos reconcilieis com Deus.

“Àquele que não conheceu pecado, o fez pecado por nós; para que n’Ele fossemos feitos justiça de Deus» (II Cor. 5:20-21).

Israel e o mundo tinham ambos sido alienados de Deus, mas nós estamos aqui como embaixadores entre inimigos alienados, instando com eles para que se reconciliem com Deus por meio de Cristo, que morreu por eles. Como Paulo nós instamos com os homens, dizendo com efeito: “Cristo não está aqui; vós não O quisestes, porém nós estamos aqui

⁶ Assim, os Actos deixam Paulo na prisão em Roma, «*um embaixador em cadeias*». Como é que Deus poderia mostrar com mais clareza a Sua graça aos Seus inimigos?

em Seu lugar para vos dizer que Ele vos ama e morreu por vós a fim de poderdes ser reconciliados com Deus”.

MAIS DUAS VOZES

Estamos relutantes em encerrar este capítulo sem abordar tanto as vozes que, tanto Pedro como Paulo, ouviram quando foram arrebatados. Desta vez foi bastante interessante a experiência de Paulo no que dizia respeito aos Judeus e a de Pedro no concernente aos Gentios. E veremos uma vez mais a harmonia perfeita das Escrituras na revelação do propósito de Deus.

PEDRO EM JOPE

Actos 10:9-16

«E no dia seguinte ... subiu Pedro ao terraço para orar, quase à hora sexta.

«E, tendo fome, quis comer; e, enquanto lho preparavam sobreveio-lhe um arrebatamento de sentidos,

«E viu o céu aberto, e que descia um vaso, como se fosse um grande lençol atado pelas quatro pontas, e vindo para a terra.

«No qual havia de todos os animais quadrúpedes e répteis da terra, e aves do céu.

«E foi-lhe dirigida uma voz: Levanta-te, Pedro; mata e come.

«Mas Pedro disse: De modo nenhum, Senhor, porque nunca comi coisa alguma comum e imunda.

«E segunda vez lhe disse a voz: Não faças tu comum ao que Deus purificou.

«E aconteceu isto por três vezes e o vaso tornou a recolher-se no céu».

PAULO EM JERUSALÉM

Actos 22:17-21

«E aconteceu que, tornando eu para Jerusalém, quando orava no templo, fui arrebatado para fora de mim.

«E vi aquele que me dizia: Vá-te depressa, e sai apressadamente de Jerusalém; porque não receberão o teu testemunho acerca de Mim.

«E eu disse: Senhor, eles bem sabem que eu lançava na prisão e açoitava nas sinagogas os que criam em Ti.

«E quando o sangue de Estêvão, Tua testemunha, se derramava, também eu estava presente, e consentia na sua morte, e guardava os vestidos dos que o matavam.

«E disse-me: Vai, porque hei-de enviar-te aos Gentios de longe.

«E ouviram-no até esta palavra e levantaram a voz, dizendo: Tira da terra um tal homem, porque não convém que viva!»

Aqui, uma vez mais, Pedro e Paulo ouviram, cada um, uma voz; mas desta vez ambos num arrebatamento de sentidos e ambos enquanto empenhados na oração.

A experiência de Pedro dizia respeito ao propósito de Deus em se voltar para os Gentios. A de Paulo dizia respeito ao Seu propósito em *abandonar* Israel. Ambos replicaram com Deus, mas ambas as experiências enfatizaram o propósito que Deus tinha em se voltar de Israel para as nações.

Pedro, na sua repulsa pelos animais imundos, objectou dizendo que nunca tinha comido nada comum ou imundo. Paulo, na sua avidez de ganhar os seu parentes segundo a carne, argumentou dizendo que todos eles sabiam que ele tinha aprisionado e torturado os crentes e tinha mesmo tomado parte no apedrejamento de Estêvão. Decerto que eles *o* escutariam!

Todavia, o Senhor insistiu em levar a cabo o Seu propósito em ambos os casos. A Pedro Ele disse, “*Não faças tu comum ao que Deus purificou*”, e mandou-o ir à casa Gentílica de Cornélio “nada duvidando”. A Paulo Ele replicou sumariamente, “*Vai, porque hei-de enviar-te aos Gentios de longe*”.

Nós estamos bem cientes de que Pedro não proclamou o mistério do propósito de Deus e a Sua graça a estes Gentios. Ele nem sequer tinha conhecimento disso. De facto, ele nem sequer sabia porque é que Deus o estava a enviar, e explicou simplesmente aos seus críticos: “*quem era então eu, para que pudesse resistir a Deus?*” (Actos 11:17).

Não obstante isto, a comissão de Pedro aqui foi *um dos primeiros passos dados na introdução do mistério do plano de Deus em abençoar as nações a despeito da rejeição a que Israel votou Cristo*. Ele tornou isto muito claro quando, defendendo mais tarde o ministério Gentílico de Paulo, afirmou, «... *bem sabeis ... que Deus me elegeu dentre vós, para que os Gentios ouvissem da minha boca a palavra do evangelho, e cressem*» (Actos 15.7). Isto foi uma estratégia dirigida pelo Espírito, pois como poderiam os irmãos Judeus objectar o ministério Gentílico de Paulo quando o seu próprio líder designado por Cristo tinha sido enviado a pregar o evangelho a uma casa Gentia, e isto sob circunstâncias que confirmavam ser claramente da vontade de Deus?

Foi quando Pedro citou uma profecia do Velho Testamento que tocava apenas na fé em Cristo para a remissão dos pecados (Actos 10.43)⁷ que Deus *interrompeu* o discurso dele e o Espírito Santo veio sobre estes Gentios. Incidente admirável! Assim, apesar de reconhecermos perfeitamente qualquer aspecto do reino da conversão de Cornélio, não nos podemos esquecer dos seguintes factos importantes:

1. O incidente ocorreu *depois* da conversão de Saulo, está registado precisamente no capítulo seguinte à mesma.
2. Pedro *não* foi enviado a Cornélio sob a chamada “grande comissão”, mas sob uma comissão *especial*.

⁷ Em Actos 10.43 *Profecia e Mistério coincidem*. Assim a interrupção dos Vers. 44,45 sucedeu antes de Pedro chegar à oferta estipulada na sua “grande comissão” (Marcos 16.16; cf. Actos 2.38), a fim de que estes Gentios incircuncisos fossem inteiramente salvos aparte do baptismo na água. Este assunto é debatido mais aprofundadamente em *Actos Dispensacionalmente Considerados*, Vol. II, Págs. 97-100.

3. Deus não enviou Pedro a Cornélio porque Israel tivesse *aceitado* o Messias, mas devido ao facto de O ter *rejeitado*. Por outras palavras, *não* foi o passo seguinte no levar a cabo da “grande comissão”, pois os apóstolos ainda não tinham terminado o seu ministério em Jerusalém (Lucas 24:47; Actos 1:8; Actos 8.1; Nota: «*excepto os apóstolos*»).
4. Na história de Cornélio é enfatizado repetidas vezes que Deus «*não fez diferença alguma*» entre Judeus e Gentios (Actos 15:9). Isso não será quando a “grande comissão for levada a cabo (Mateus 24:14). Cristo será então Rei em Jerusalém e Israel será exaltada *acima* das nações. Porém antes do término do livro dos Actos é claramente demonstrado (através do ministério de Paulo) que «*não há diferença*» entre Judeus e Gentios, quer quanto ao pecado do homem (Rom. 3:22-23) quer quanto à graça de Deus:

«*Porquanto não há diferença entre Judeu e Grego; porque um mesmo é o Senhor de todos, rico para com todos os que O invocam.*

«*Porque todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo*» (Rom. 10.12,13).

5. Foi na base da experiência de Pedro que o ministério de Paulo para com os Gentios foi reconhecido pela igreja em Jerusalém (Actos 15, cf. Gál. 2).

Quanto à experiência de Paulo, enfatizava de novo o facto de que Deus iria enviar a salvação aos Gentios devido Israel rejeitar Cristo. Como Paulo nos diz, ocorreu no seu primeiro regresso a Jerusalém, após a sua conversão. Portanto indica-nos que a rejeição de Cristo por parte de Israel tinha agora sido assumida, pois o Senhor disse-lhe: «*Eles não receberão o teu testemunho acerca de Mim*» Os líderes de Israel, e a nação como um todo, não tinham dado ouvidos aos doze; nem escutariam Paulo. Deus tinha-os *encerrado em incredulidade* e iria suspender os Seus tratos com eles, como nação.

Como vimos, Deus pôs Israel de parte juntamente com os Gentios, de modo a poder tratar com Judeus e Gentios como *indivíduos*, e em *graça*. Teremos muito mais a dizer acerca disto.

*Saulo o Pecador
E Cristo o Salvador*

Capítulo IV

DUAS VEZES EM QUE O SENHOR PERGUNTOU PORQUÊ

A CHAVE DO CÉU

Os dois maiores enigmas do universo e da história da humanidade estão expressos em duas questões colocadas pelo Senhor – nas duas ocasiões principais em que Ele, que «*conhece todas as coisas*», perguntou «*Porquê?*».

Uma das vezes foi a Deus que bradou «*Porquê?*» e a outra a *Saulo de Tarso*; uma ao *Santo* e a outra ao *principal dos pecadores*. Uma vez bradou o porquê da *vergonhosa cruz* e a outra da *Sua glória no céu*. Em cada um dos casos foi repetido o nome da pessoa a quem a pergunta se dirigia.

Em Mat. 27.46 encontramos o primeiro angustioso «*porquê?*» emanado do fundo do Seu coração e dos Seus lábios quando Ele bradou da cruz cruel, «*Deus Meu, Deus Meu, porque Me desamparaste?*» O outro encontra-se em Actos 9.4, onde lemos como Ele bradou do Seu trono no céu, «*Saulo, Saulo, porque Me persegues?*»

«*Deus Meu, Deus Meu, porque Me desamparaste?*»
«*Saulo, Saulo, porque Me persegues?*»

Estas duas questões representam os maiores enigmas da história, e apesar disso, de forma estranha, um é a explicação simples do outro! Os dois são complementares.

Porque é que Deus abandonou o Seu amado Filho? Porque é que Ele *permitiu* que homens iníquos ultrajassem e crucificassem o Cristo impecável, inocente? Só descobrirás a resposta quando perguntares porque é que a humanidade (representada por Saulo) odiou Cristo e O perseguiu até à morte. A acção de Deus foi o único antídoto para a do homem. A morte de Cristo foi o único remédio para o pecado do homem. Foi por causa da total falta de razoabilidade do pecado do homem, que um Deus gracioso, para o salvar, teve de ser mais que razoável.

Que «*Cristo morreu*» foi um facto histórico que toda a gente conhece. «*Os nossos pecados*» também constituem um facto que ninguém pode negar. No entanto, se um dos factos permanecesse só estaríamos perante um mistério insolúvel. Temos que aceitar a explicação de Deus: «*Cristo morreu PELOS nossos pecados*» (I Cor. 15.3) ou teremos dois problemas molestos que não poderemos explicar. Tem sido bem dito que, aqui, na pequena preposição «*pelos*», temos “*a chave do céu*”.

Assim, nos dois “porquês” que consideramos aqui, os problemas da morte de Cristo e dos nossos pecados fica resolvido. Eles resolvem-se um ao outro. O Salvador e o pecador são trazidos juntos. O blasfemador, o perseguidor, é completamente transformado, e quando ele considera Cristo crucificado, ele exclama cheio de gratidão, «*[Ele] me amou, e se entregou a Si mesmo por Mim*» (Gál. 2.20).

SAULO O PECADOR

Consideremos o quadro que nos é apresentado no livro dos Actos. Só há uma nação, apenas uma, que Deus reconhece como Sua e, eis que *esta* nação se junta às outras na rebelião contra Ele! E quem é que inspira e conduz a rebelião? *Saulo de Tarso!*

E quem é este Saulo de Tarso? Um rufia, um assassino? De facto não! Trata-se de alguém pertencente à raça escolhida que era altamente respeitado pela sua nação, que era escrupuloso observador da Lei, zeloso das tradições dos seus pais.

Ignoraria, então, ele as profecias do Velho Testamento, para não reconhecer Cristo? Não! Ele era Fariseu, filho de uma linha de Fariseus, Hebreu de Hebreus, pertencendo orgulhosamente à tribo de Benjamim, um líder espiritual em Israel com um conhecimento profundo da Lei e dos Profetas.

No entanto este homem conduziu Israel numa perseguição feroz aos seguidores de Cristo, determinado a exterminar o nome e a memória de Jesus.

O registo divino relata como é que no apedrejamento de Estêvão «*Saulo consentiu na morte dele*», e informa-nos que o homicídio de Estêvão provocou «*uma grande perseguição*» em que «*Saulo assolava a Igreja, entrando pelas casas; e, arrastando homens e mulheres, os encerrava na prisão*» (Actos 8.1-3).

De facto, o próprio Paulo reconheceu mais tarde: «*E, enfurecido demasiadamente contra eles, até nas cidades estranhas os persegui*» (Actos 26.11). Foi em relação à última destas «*cidades estranhas*», que lemos:

«E Saulo, respirando ainda ameaças e mortes contra os discípulos do Senhor, dirigiu-se ao Sumo Sacerdote

«E pediu-lhe cartas para Damasco, para as sinagogas, afim de que, quer homens quer mulheres, os conduzisse presos a Jerusalém.

«E, indo no caminho, aconteceu que, chegando perto de Damasco, subitamente o cercou um resplendor de luz do céu» (Actos 9.1,2).

Armado assim, «*com poder e comissão dos principais dos sacerdotes*» (Actos 26.12), Paulo determinou-se em prender tantos discípulos quantos pudesse e trazê-los «*manietados para Jerusalém ... afim de que fossem castigados*» (Actos 22.5).

Este propósito dele nunca foi cumprido, pois ele próprio foi aprisionado pelo Senhor glorificado e foi salvo no caminho para Damasco. E quando o Senhor enviou Ananias para lhe ministrar, Ananias replicou,

«Senhor, a muitos ouvi acerca deste homem, quantos males tem feito aos Teus santos em Jerusalém;

«E aqui tem poder dos principais dos sacerdotes para prender a todos os que invocam o Teu nome» (Actos 9.13,14).

E quando os crentes de Damasco ouviram-no testemunhar de Cristo, disseram, *«Não é este que em Jerusalém perseguia os que invocavam este Nome?» (Actos 9.21).*

Posteriormente, em oração, Paulo confessou a Cristo: *«eu lançava na prisão e açoitava nas sinagogas os que criam em Ti» (Actos 22.19), e testemunhos perante Agripa:*

«... encerrei muitos dos santos nas prisões; e quando os matavam eu dava o meu voto contra eles.

«E, castigando-os muitas vezes por todas as sinagogas, os obriguei a blasfemar» (Actos 26.10,11).

Tudo isto, e mais, encontramos no registo de Lucas sobre as obras e confissões de Paulo, mas a isso Paulo acrescenta as suas próprias declarações escritas:

«... sobremaneira perseguia a igreja de Deus e a assolava» (Gál. 1.13).

«Porque eu sou o menor dos apóstolos, que não sou digno de ser chamado apóstolo, pois que persegui a igreja de Deus. Mas pela graça de Deus sou o que sou» (I Cor. 15.9,10).

«E dou graças Ao que me tem confortado, a Cristo Jesus Senhor nosso, porque me teve por fiel, pondo-me no ministério; a mim, que dantes fui blasfemo, e perseguidor, e injurioso» (I Tim. 1.12,13).

É verdade que o Apóstolo explica nesta passagem que o fez *«ignorantemente, na incredulidade»*, mas não o faz para ser absolvido da culpa. Como Saulo, o Fariseu, ele podia e *devia* ter sabido que Jesus era o Cristo, mas ele não desejava crer nisto. Por conseguinte, a ignorância dele, moveu, na verdade, o compassivo coração de Deus, do mesmo modo que nós poderíamos apiedarmo-nos de alguém que se injuria a si mesmo pela sua obstinação cega, todavia a atitude dele foi, apesar de tudo, totalmente indesculpável.

De facto, ele enfatiza o *pecado* dele quando salienta que foi apenas porque *«a graça de nosso Senhor superabundou»* que ele, o *«principal»* dos *«pecadores»* foi salvo. De facto, é a partir desta premissa que ele argumenta que a graça de Deus é suficiente para salvar *qualquer* pecador (I Tim. 1.15,16).

SAULO E A RAÇA HUMANA

Deverá ser claramente compreendido que Saulo de Tarso, o blasfemo e homicida, representava toda a raça humana na sua rebelião contra Deus e o Seu Cristo. O único canal através do qual Deus ainda mantinha relações com o mundo nos dias de Saulo era com a nação de Israel, e Saulo tinha-se tornado o líder da rebelião de Israel. Saulo representava Israel e Israel representava o mundo. Saulo representava o espírito da rebelião de Israel, sim, o espírito da *rebelião do mundo contra Deus e o Seu Cristo* (Sal. 2.1-3).

Foi a incrível falta de razoabilidade da inimizade do mundo contra Cristo, que o nosso Senhor exprimiu quando bradou do céu: «*Porque Me persegues?*».

CRISTO E A RAÇA HUMANA

À nossa volta as pessoas perguntam “Porquê?”. *Porquê* esta doença tão prolongada e dolorosa? *Porquê* esta carga insuportável? *Porquê* este luto de partir o coração? *Porquê* esta guerra horrível? *Porque* é que Deus permite todo este sofrimento e tribulação e miséria e morte? *Porquê?* ... *porquê?* ... *porquê?*

Mas os que perguntam porque é que Deus permite que o sofrimento e a miséria e morte aflijam a humanidade esquecem-se, normalmente, duma questão muito maior. *Porque é que Deus abandonou Cristo no Calvário?* Nós, que somos pecadores, podemos esperar sofrimento e miséria e tribulação, mas Cristo não pecou. Porque é que Ele, o Santo, que «*andou fazendo bem*», teve de sofrer a agonia e a vergonha por causa dos pecados que Ele nunca cometeu? Como é que um Deus justo, muito menos um Pai que ama, pôde permitir que homens maus sujeitassem o Seu Filho ao sofrimento e à morte – sim, e «*morte de cruz*»?

E isto levanta uma outra questão: *Porque é que no princípio Deus permitiu o pecado?* Se for respondido que, originalmente, Deus criou o homem à Sua imagem, como um agente moral livre, com o poder de escolha, então *porque é que Deus o criou assim ou porque é que, pelo menos, não o impediu de pecar, ou de alguma maneira restringir ou habilitar o poder dele para escolher activamente entre o bem e o mal?* E quanto mais questões destas se levanta, mais questões surgem.

<p><u>OS DOZE APÓSTOLOS</u></p> <p>REPRESENTANTES DA NAÇÃO DE ISRAEL 12 Tribos - 12 Homens - 12 Tronos Mateus 19:28</p> <hr/> <p>CHAMADOS POR CRISTO NA TERRA Lucas 6:13</p> <hr/> <p>CONHECIAM APENAS CRISTO NA TERRA Actos 1:9</p> <hr/> <p>ENVIADOS A ISRAEL E ÀS NAÇÕES Mateus 10:5-6 Lucas 24:47-48</p> <hr/> <p>ENVIADOS A PROCLAMAR O PROGRAMA PROFETIZADO DE DEUS Salvação dos Gentios através da EXALTAÇÃO de Israel Actos 3:24-26</p> <hr/> <p>CONCORDAM LIMITAR O SEU MINISTÉRIO A ISRAEL COM O LEVANTAMENTO DE PAULO Gálatas 2:1-9</p>	<p><u>O APÓSTOLO PAULO</u></p> <p>REPRESENTANTE DO CORPO DE CRISTO UM Homem - Hebreu e Romano - Reconciliado Efésios 2:16</p> <hr/> <p>CHAMADO POR CRISTO NO CÉU Actos 9:3-5</p> <hr/> <p>CONHECIA APENAS CRISTO NO CÉU I Cor. 15:8</p> <hr/> <p>ENVIADO A TODOS, EM TODA A PARTE Romanos 10:12; 11:32</p> <hr/> <p>ENVIADO A PROCLAMAR O PROPÓSITO OCULTO DE DEUS Salvação dos Gentios através da QUEDA de Israel Romanos 11:7-33</p> <hr/> <p>SUBSTITUI OS DOZE COMO APÓSTOLO DOS GENTIOS AO ISRAEL REJEITAR O REINO Gálatas 2:1-9</p>
---	---

OS MINISTÉRIOS DOS DOZE E DE PAULO COMPARADOS

A causa básica da confusão doutrinária que prevalece na Igreja professa consiste no fracasso de não se reconhecer a mensagem e o ministério de Paulo como distintos da mensagem e ministério dos doze. Até mesmo a maioria de crentes sinceros parece ainda não ter formulado a questão: *Porquê Paulo?* Parece que ainda não descortinaram o notável facto de *depois* do Senhor, na Sua chamada *grande comissão*, ter enviado os outros apóstolos a “*todo o mundo*” pregarem “*o evangelho*” a “*toda a criatura*” (Marcos 16:15) e

fazerem discípulos de “*todas as nações* (Mateus 28:19) - *depois* disto, ter levantado *um outro* apóstolo, e como consequência disso os doze, por meio dos seus líderes, sob a guia do Espírito Santo, terem entrado num acordo solene com este outro apóstolo para que *ele* fosse aos Gentios *enquanto eles passariam a limitar o seu ministério a Israel* (Gál. 2:7-9). Assim, alguns anos depois da “grande comissão” aos onze (restaurados para doze em Actos 1:15-26), Paulo pôde declarar:

“PORQUE CONVOSCO FALO, GENTIOS, QUE ENQUANTO FOR APÓSTOLO DOS GENTIOS, GLORIFICAREI O MEU MINISTÉRIO” (Rom. 11:13).

Paulo enfatiza constantemente a distinção do seu apostolado e mensagem. Ele fala três vezes de “meu evangelho” (Rom. 2:16; 16:25; II Tim. 2:8) e usa repetidamente frases semelhantes, como por exemplo:

“O evangelho que eu já vos tenho anunciado”, “o evangelho que por *mim* foi pregado” e “o evangelho que *eu* prego entre os Gentios” (I Cor. 15:1; Gál. 1:11; 2:2). Ele torna claro repetidas vezes que a sua mensagem foi *recebida do Senhor* (I Cor. 11:23; 15:1; I Tes. 4:15) *por revelação directa* (Gál. 1:12; Ef. 3:1-3). Ele até pronuncia uma maldição sobre qualquer que pregue aos Gentios outro evangelho além daquele que *ele* tinha anunciado. É por isso que também o encontramos a dizer repetidas vezes (ainda que em fraseologia variada): “*Segui-me*” (I Cor. 4:16; 11:1; Fil. 3:17; I Tes. 1:6; II Tes. 3:9).

Isto significa que o programa profético, do qual a “grande comissão” fazia parte, foi interrompido pela dispensação da graça de Deus por meio de Paulo. Daí a importância de se distinguir a mensagem e o ministério de Paulo da mensagem e ministério dos doze.

OS DOZE APÓSTOLOS

Ao compararmos os ministérios dos doze e de Paulo neste capítulo, nós enumeraremos as nossas declarações no que concerne aos doze apóstolos de forma a poderem ser comparadas com as respeitantes a Paulo.

1. Os doze foram escolhidos por Cristo *na terra* (Lucas 6:13).
2. Na altura em que Paulo foi levantado os doze apenas conheciam *Cristo na terra*. Eles não O tinham visto sequer entrar no céu na Sua ascensão, pois, “uma nuvem O recebeu, ocultando-O a seus olhos” (Actos 1:9).
3. Eles representavam *a nação de Israel* - um para cada tribo. Isto é claro na promessa que o Senhor lhes fez.

“Em verdade vos digo que vós, que Me seguistes, quando, na regeneração, o Filho do Homem se assentar no trono da Sua glória, TAMBÉM VOS ASSENTAREIS SOBRE DOZE TRONOS, PARA JULGAR AS DOZE TRIBOS DE ISRAEL” (Mateus 19:28; cf. Lucas 22:29-30).

O estudante sincero e inteligente das Escrituras deverá tomar cuidado em notar o facto do número doze não ter qualquer relação com o corpo de Cristo, mas de ser constantemente encontrado em relação a Israel. “Jacob gerou aos *doze patriarcas*” (Actos 7:8). Deles emanaram as *doze tribos* de Israel. Estas tribos tinham *doze príncipes* sobre elas (Num. 1:16). Mesmo quando a nação de Israel foi governada por reis ainda haviam príncipes para governar com eles cada uma das doze tribos (I Crón. 27:22).

É claro que tudo isto se desvaneceu com os cativeiros, mas o Rei há muito prometido encontrava-se agora no seu meio - Aquele que iria “restaurar de novo o reino a Israel”. E quando Ele começa a proclamar “o evangelho do reino” (Mateus 9:35), Ele escolhe os Seus *doze príncipes* para os *doze tronos* nas *doze tribos* de Israel (Mateus 19:28).

4. Estes doze foram primeiro enviados a proclamar o reino dos céus *como tendo chegado* (Mateus 10:7; cf. Dan. 2:44) e depois, mais tarde, enviados a oferecê-lo a Israel, tendo em vista levar depois a mensagem a todo o mundo (Actos 1: 6-8; 3:19-26).

5. Eles receberam poder para realizar milagres (Mateus 10:8; cf. Marcos 16:17-18).

6. O ministério deles baseava-se nos concertos e na profecia (Is. 60:1-3; Lucas 1:70-75; Actos 3:22-26).

7. Por isso eles foram enviados primeiro aos Judeus e esperavam a salvação dos Gentios *através da nação de Israel regenerada* (Mateus 10:5-6; Lucas 24:47; Actos 3:25-26).

8. Eles ministraram apenas na Palestina (Actos 10:39; 21:17-20).⁸

9. Na mensagem e ministério deles consideraram a *aceitação* de Cristo como Rei por parte de Israel e o Seu *retorno para reinar*. Para isso trabalharam, por isso esperaram e oraram (Actos 1:11; 3:19-21).

10. Na “grande comissão” aos doze, o baptismo na água era requerido para a salvação e os sinais miraculosos eram as evidências da salvação (Marcos 16:15-18; Actos 2:38).

O APÓSTOLO PAULO

Solicita-se ao leitor que tome tempo para comparar os parágrafos precedentes com os que se vão seguir, e compare assim o ministério de Paulo com o dos doze.

⁸ Onde eles possam ter ido depois de Actos 28 não nos interessa aqui, pois por essa altura o programa do reino já se encontrava completamente posto de parte. O facto é que durante o período dos Actos eles concordaram com Paulo em limitar o seu ministério a Israel. Antes desse acordo a única família Gentílica a que Pedro ministrou habitava em Cesareia, na Palestina (Actos 10:24). Pedro também foi a Antioquia, na Síria, mas em vez de ter ali qualquer ministério, foi repreendido por Paulo (Gál. 2:11-14).

1. Ao contrário dos doze, Paulo foi escolhido por Cristo *no céu* (Actos 9:3-5; 26:16).
2. Ele apenas conhecia Cristo *no céu*, nunca O tendo visto na terra (Actos 26:16; I Cor. 15:8).
3. Paulo, como *um* único apóstolo, representa o Corpo de Cristo.⁹

Aqui, o estudante inteligente das Escrituras notará uma vez mais que enquanto o número *doze* nunca se encontra associado com o corpo de Cristo, o número *um* encontra-se consistentemente associado a ele: “*Nós, que somos muitos, somos um só corpo*” (Rom. 12:5), “*Por um só Espírito fomos todos batizados num só corpo*” (I Cor. 12:13), “*Há um só corpo*” (Ef. 4:4), etc.

Além disso, o corpo é constituído de *inimigos, reconciliados* com Deus por meio da morte do Seu Filho (Col. 1:21-22). Que exemplo perfeito foi Paulo disso!

Mais, Paulo era tanto Hebreu como Romano. Ele era um Hebreu nado (Fil. 3:5) e nato (Fil. 3:5-6). Mas também era Romano, um Romano nado e nato.

Quando os magistrados em Filipos comunicaram que Paulo e Silas seriam libertados, Paulo recusou sair, dizendo:

“AÇOITARAM-NOS PUBLICAMENTE, E, SEM SERMOS CONDENADOS, SENDO HOMENS ROMANOS, NOS LANÇARAM NA PRISÃO, E AGORA ENCOBERTAMENTE NOS LANÇAM FORA? NÃO SERÁ ASSIM; MAS VENHAM ELES MESMO E TIREM-NOS PARA FORA” (Actos 16:37).

Eles exigiram aqui uma desculpa da parte dos magistrados Romanos e, notemos bem, os magistrados “vindo, lhes dirigiram súplicas, e tiraram-nos para fora” (ver. 39).

Mais tarde, em Jerusalém, enquanto os soldados amarravam Paulo para o açoitar, ele disse ao centurião que estava ali: “*É-vos lícito açoitar um Romano, sem ser condenado?*” (Actos 22:25).

⁹ Há outros “apóstolos” que são mencionados em relação com Paulo, porém sempre num sentido secundário. Em Actos 14:14, por exemplo, Barnabé, companheiro de Paulo nas suas viagens, é mencionado como apóstolo juntamente com ele, mas de acordo com Gál. 2 foi Paulo que saiu “por uma revelação” e comunicou aos líderes ali o evangelho que ele pregava entre os Gentios. Quando eles “viram” que o evangelho da incircuncisão tinha sido confiado a Paulo e “conheceram” a graça que lhe havia sido dada, deram a Paulo e Barnabé as dextas da comunhão (Gál. 2:2-9). Não existe qualquer base para a declaração de que “para o corpo havia oito apóstolos como havia doze para Israel”. Paulo não se está a gloriar quando diz, pelo Espírito: “Eu sou o apóstolo dos Gentios; Eu magnificarei o meu ministério (Rom. 11:13).

Quando esta questão foi reformulada ao tribuno, que tinha ordenado os açoites, este fez-se repentinamente amigo de Paulo, explicando que lhe tinha custado muito dinheiro a obtenção da cidadania Romana.

“E respondeu o tribuno: Eu com grande soma de dinheiro alcancei este direito de cidadão. Paulo disse: MAS EU SOU-O DE NASCIMENTO” (Actos 22:28).

E logo se apartaram dele os que o haviam de açoitar. Eles não se queriam meter em problemas com o governo Romano devido ao seu erro. “E até o tribuno teve temor ... porque o tinha ligado” (Ver. 29).

Paulo era natural de Tarso, “cidade não pouco célebre” aos olhos de Roma (Actos 21:39). De facto, a sua posição como Romano era tão elevada, que ele tinha o direito de apelar pessoalmente para César a fim de ser julgado, como o fez. Festo e o conselho Romano em Cesareia confirmaram o seu pedido (Actos 25:10-12).

Porque é que o Espírito enfatiza assim a cidadania tanto Romana como Hebraica do apóstolo? Simplesmente porque ele, conciliando na sua pessoa o Hebraico e o Romano, representa o corpo de Cristo, a Igreja desta dispensação, que é composta de *Judeus e Gentios* reconciliados com Deus *num só corpo*, pela cruz (Ef. 2:16).

4. Paulo foi enviado a proclamar “o evangelho da graça de Deus” (Actos 20:24; Ef. 3:1-3). Apesar de ele ter *confirmado* o facto de Jesus ser o Messias de Israel, ele nunca proclamou o reino como tendo chegado nem o ofereceu para Israel o aceitar. Até então os doze nunca proclamaram o evangelho da graça de Deus.

5. Apesar de no princípio Paulo ter tido “os sinais do seu apostolado”, o seu poder para realizar milagres foi removido em relação com a sua mensagem dada por Deus (Rom.8:22-23; I Cor. 13:8-13; II Cor. 4:16; 5:1-4; 12:7-10; Fil. 2:26-27; I Tim. 5:23; II Tim. 4:20).

6. A mensagem de Paulo não se baseava em promessas de concertos nem em profecias, mas totalmente na graça de Deus (Rom. 3:21-28; Ef. 1:7; 2:7). A mensagem de Paulo era um segredo, oculto até então (Rom. 16:25; Ef. 3:1-3), tendo-lhe sido *gradualmente* revelada a ele e por seu intermédio (Actos 26:16; 22:17-18; II Cor. 12:1-7).

7. Na sua mensagem os Judeus e Gentios encontravam-se ao mesmo nível, diante de Deus (Rom. 3:22-23; 10:12-13).

8. O principal ministério de Paulo era entre os Gentios (Rom. 11:13; Ef. 3:1-2). Quando ele quis ministrar em Jerusalém o Senhor impediu-o, dizendo-lhe: “*Vai, porque hei-de enviar-te aos Gentios de longe*”. (Actos 22:21).

9. Com o levantamento de Paulo a nação de Israel foi *encerrada em incredulidade*. O Senhor disse a Paulo: “ELES NÃO RECEBERÃO O TEU TESTEMUNHO ACERCA DE MIM” (Actos 22:18).

Assim, a mensagem de Paulo, ao contrário da dos doze, baseava-se na *rejeição* a que Israel votou Cristo, e explicava a Sua *ausência contínua* (Ef. 1:18-2:6; Fil. 2:9; Col. 3:1-3; Heb. 2:8-9).

10. Nem o baptismo na água nem os sinais miraculosos se encontravam incluídos na comissão especial de Paulo, nem nenhum deles teve algo a ver com a salvação, sob o seu ministério. É verdade que *no princípio* Paulo baptizou alguns; que circuncidou pelo menos um; que tinha “os sinais dum apóstolo”, todavia isso aconteceu na economia sob a qual ele foi salvo e da qual ele emergiu gradualmente. Além disso ele declara claramente que *não pregava a circuncisão* (Gál. 5:11), *não fora enviado a baptizar* (I Cor. 1:17) e que os *poderes miraculosos que possuía desapareceriam* (I Cor. 13:8-10).

PAULO NÃO UM DOS DOZE

Os discípulos são ocasionalmente acusados de terem actuado na carne quando escolheram Matias para ocupar o lugar de Judas como décimo segundo apóstolo. É argumentado por alguns que em primeiro lugar os discípulos não tinham nada que escolher um décimo segundo apóstolo. Depois, argumentam mais, escolheram *primeiro* arbitrariamente dois candidatos e *depois* pediram ao Senhor que dos dois Ele escolhesse um para ocupar o lugar vago. Os que argumentam assim dizem geralmente que Paulo, não Matias, é que foi a escolha de Deus para o lugar de Judas.

Todavia esta acusação não se baseia numa leitura cuidadosa do registo dos Actos, nem num conhecimento cabal das Escrituras que têm a ver com o assunto. Examinemos o registo:

1. Os apóstolos, tendo Pedro como seu chefe, tinham recebido autoridade para actuarem oficialmente durante a ausência de Cristo (Mateus 16:19; 18:18-19).
2. Encontrava-se declarado nos Salmos que devia ser apontado outro para o lugar de Judas (Salmo 109:8; Actos 1:20).
3. O décimo segundo apóstolo tinha de ser escolhido antes do reino poder ser oferecido em Pentecostes (Mateus 19:28). Notemos como Pedro se ergue com os onze em Actos 2:14.
4. A acção deles foi literalmente permeada de oração. Eles não avançaram senão depois de *muitos dias de oração unida* (Lucas 24:49; cf. Actos 1:12-15), e quando encontraram dois candidatos oraram de novo e deixaram a escolha final com Deus (Actos 1:24-26).
5. É provável que não houvessem mais que dois (Matias e José Barsabás) que fossem elegíveis para o apostolado, pois apenas podiam ser qualificados aqueles que tinham seguido Cristo *durante todo o Seu ministério terreno*, “*começando desde o baptismo de João até ao dia em que dentre nós foi recebido em cima ...*” (Actos 1:21-22; cf. Mateus 19:28; Nota: “*Vós que Me seguistes*”). De certo que não haveriam muitos.

6. Por esta razão Paulo não podia ser elegível. Ele nem sequer viu Cristo, senão depois da Sua ascensão!

7. Paulo nem sequer se encontrava salvo nessa altura. Na verdade, *depois disso* ele “perseguiu a igreja de Deus e a assolava” (Gál. 1:13).

8. A prova final e conclusiva em como os onze actuaram segundo a vontade de Deus nesta questão vê-se claramente no facto das Escrituras declararem que Matias “*foi contado com os onze apóstolos*” (Actos 1:26) e que,

“ELES FORAM TODOS CHEIOS DO ESPÍRITO SANTO” (Actos 2:4).

Com toda a certeza que se os discípulos se encontrassem fora da vontade de Deus em assunto tão importante, não teriam sido cheios do Espírito Santo. Nem Matias teria sido cheio do Espírito Santo se não tivesse sido divinamente escolhido para aquela posição particular. Um homem fora da vontade de Deus nunca é cheio do Espírito Santo.

Certamente que isto indica que o apostolado de Paulo era separado e distinto do dos doze. Paulo não podia ser considerado um dos doze, pois da mesma forma que onze apóstolos teriam sido poucos para os planos do reino de Deus, treze teriam sido demasiado. No reino haverá doze tronos, além do de Cristo, e não treze. Paulo pertencia assim a *um outro programa* e foi enviado a proclamar *uma outra mensagem*.

Nesta relação é significativa ver Paulo falar também dos doze como um corpo de apóstolos separado quando diz que o Cristo ressuscitado foi “*visto ... pelos doze*” (I Cor. 15:5). Esta referência inspirada aos *doze* apóstolos entre a ressurreição e a ascensão, é uma prova adicional de que Matias foi considerado por Deus um dos doze desde o princípio. Ele encontrava-se aparentemente com os apóstolos quando o Cristo ressuscitado lhes apareceu (Actos 1:21-23).

Na verdade, Paulo fala consistentemente do seu apostolado e do dos doze como sendo distintos um do outro. Ele diz na sua carta aos Gálatas:

“Mas faço-vos saber, irmãos, que O EVANGELHO QUE POR MIM FOI ANUNCIADO NÃO É SEGUNDO O DE HOMENS.

“PORQUE O NÃO RECEBI, NEM APRENDI DE HOMEM ALGUM, MAS PELA REVELAÇÃO DE JESUS CRISTO” (Gál. 1:11-12).

“NEM TORNEI LOGO A JERUSALÉM A TER COM OS QUE JÁ ANTES DE MIM ERAM APÓSTOLOS, MAS PARTI PARA A ARÁBIA ...” (Gál. 1:17).

“E SUBI POR UMA REVELAÇÃO, E LHES EXPUS O EVANGELHO, QUE PREGO ENTRE OS GENTIOS” (Gál. 2:2).

“E CONHECENDO TIAGO, CEFAS E JOÃO, QUE ERAM CONSIDERADOS COMO AS COLUNAS, A GRAÇA QUE SE ME HAVIA DADO, DERAM-NOS AS

DEXTRAS, EM COMUNHÃO COMIGO E COM BARNABÉ, PARA QUE NÓS FOSSEMOS AOS GENTIOS, E ELES À CIRCUNCISÃO” (Gál. 2:9).

PEDRO E PAULO COMO TESTEMUNHAS

Em adição às distinções entre os ministérios dos doze apóstolos e Paulo, as Escrituras também distinguem claramente entre os ministérios de Pedro (como líder dos doze) e Paulo.

VISÕES E VOZES

UMA DECLARAÇÃO DE PEDRO	UMA DECLARAÇÃO DE PAULO
<p>II Pedro 1:16-18</p> <p>“Porque não vos fizemos saber a virtude e a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo, seguindo fábulas artificialmente compostas: mas nós mesmos VIMOS a Sua majestade.</p> <p>“Porquanto Ele recebeu de Deus Pai honra e glória, quando da magnífica glória Lhe foi dirigida a seguinte VOZ: Este é o Meu Filho amado em quem Me tenho comprazido.</p> <p>“E OUVIMOS ESTA VOZ dirigida do céu, estando nós com Ele no monte santo”.</p>	<p>Actos 22:7, 14-15</p> <p>“E caí por terra, e OUVI UMA VOZ que me dizia: Saulo, Saulo, porque Me persegues?</p> <p>“E ele (Ananias disse: O Deus de nossos pais de antemão te designou para que conheças a Sua vontade, e VEJAS Aquele justo, o OUÇAS a voz da Sua boca.</p> <p>“Porque hás-de ser Sua testemunha para com todos os homens do que tens VISTO E OUVIDO”.</p>

Uma comparação das passagens acima revelará as seguintes *semelhanças*:

1. Tanto Pedro como Paulo *viram* o Senhor na glória.
2. Ambos *ouviram* vozes do céu.
3. Ambos foram testemunhas do que tinha *visto e ouvido*.¹⁰

Não obstante, existem *diferenças* distintas entre as circunstâncias e o significado das suas experiências.

- 1.

¹⁰ Em adição às passagens acima ver Actos 4:20 e 26:16.

PEDRO E PAULO COMO EDIFICADORES

A CONFISSÃO DE PEDRO	O CLAMOR DE PAULO
<p>Mateus 16:13-19</p> <p>“E chegando Jesus às partes de Cesareia de Filipo, interrogou os Seus discípulos, dizendo: Quem dizem os homens ser o Filho do Homem?</p> <p>“E eles disseram; Uns João Baptista, outros Elias, e outros Jeremias ou um dos profetas.</p> <p>“Disse-lhes Ele: E vós, quem dizeis que Eu sou?</p> <p>“E Simão Pedro, respondendo, disse: TU ÉS O CRISTO, O FILHO DO DEUS VIVO.</p> <p>“E Jesus respondendo, disse-lhe: Bem-aventurado és tu, Simão Bar-jonas, porque to não revelou a carne e o sangue, mas Meu Pai que está nos céus.</p> <p>“Pois também Eu te digo que tu és Pedro, e SOBRE ESTA PEDRA EDIFICAREI A MINHA IGREJA, E AS PORTAS DO INFERNO NÃO PREVALECEERÃO CONTRA ELA.</p> <p>“E EU TE DAREI AS CHAVES DO REINO DOS CÉUS; E TUDO O QUE LIGARES NA TERRA SERÁ LIGADO NOS CÉUS, E TUDO O QUE DESLIGARES NA TERRA SERÁ DESLIGADO NOS CÉUS”.</p>	<p>I Cor. 3: 10-15</p> <p>“SEGUNDO A GRAÇA DE DEUS QUE ME FOI DADA, PUS EU, COMO SÁBIO ARQUITECTO, O FUNDAMENTO, E OUTRO EDIFICA SOBRE ELE; MAS VEJA CADA UM COMO EDIFICA SOBRE ELE.</p> <p>“PORQUE NINGUÉM PODE POR OUTRO FUNDAMENTO, ALÉM DO QUE JÁ ESTÁ POSTO, O QUAL É JESUS CRISTO.</p> <p>“E, SE ALGUÉM SOBRE ES TE FUNDAMENTO FORMAR UM EDIFÍCIO DE OURO, PRATA, PEDRAS PRECIOSAS, MADEIRA, FENO, PALHA,</p> <p>“A OBRA DE CADA UM SE MANIFESTARÁ: NA VERDADE O DIA A DECLARARÁ, PORQUE PELO FOGO SERÁ DESCOBERTA; E O FOGO PROVARÁ QUAL SEJA A OBRA DE CADA UM.</p> <p>“SE A OBRA QUE ALGUÉM EDIFICOU NESSA PARTE PERMANECER, ESSE RECEBER A GALARDÃO.</p> <p>“SE A OBRA DE ALGUÉM SE QUEIMAR, SOFRERÁ DETRIMENTO; MAS O TAL SERÁ SALVO TODAVIA COMO PELO FOGO”.</p>

PEDRO E A IGREJA MESSIÂNICA

Deverá ser cuidadosamente notado que foi a *confissão* de Pedro que lhe conferiu o nome Petros, Uma *Pedra*, e seria sobre esta confissão (“esta pedra”, Gr. *Petra*, literalmente rocha) que Cristo edificaria a Sua igreja. Ao clamar que a igreja é fundada sobre Pedro, Roma desrespeita totalmente o contexto, exalta Pedro acima de Cristo e contradiz redondamente a Palavra de Deus que diz:

“NINGUÉM PODE POR OUTRO FUNDAMENTO, ALÉM DO QUE JÁ ESTÁ POSTO, O QUAL É JESUS CRISTO” I Cor. 3:11).

Porém deverá ser particularmente notado que Pedro confessou Jesus como “*o Cristo* (Heb. *Messias, Ungido*), *o Filho do Deus vivo*”.

Lembremo-nos que os doze tinham sido enviados a pregar: “*É chegado o reino dos céus*” (Mateus 10:5-7). Certamente que Cristo era o Filho de Deus Ungido, escolhido para ocupar o trono neste reino.

Quando o Senhor, cada vez mais rejeitado em Israel, pergunta agora aos Seus discípulos: “Quem dizeis vós que Eu sou?”, torna-se comovedor ouvir Pedro replicar logo e sem qualquer hesitação: “*Tu és o Cristo o Filho do Deus vivo*”.

Esta verdade: Jesus como verdadeiro Rei e Filho de Deus, seria a fundação da igreja Messiânica¹¹ e era assim que os verdadeiros crentes reconheciam o Senhor naquele tempo.

Noutra ocasião Pedro reafirmou a Sua fé em Jesus como Messias, quando disse:

“E nós temos crido e conhecido que Tu és o CRISTO, O FILHO DE DEUS” (João 6:69).

Natanael reconheceu-O da mesma forma, e disse:

“Rabi, Tu és O FILHO DE DEUS; Tu és O REI DE ISRAEL” (João 1:49).

Marta disse:

“Sim, Senhor, creio que Tu és O CRISTO, O FILHO DE DEUS, que havia de vir ao mundo” (João 11:27).

João, escrevendo sobre a vida terrena de nosso Senhor, termina assim o seu registo:

“Jesus operou também em presença de Seus discípulos muitos outros sinais, que não estão escritos neste livro.

“Estes, porém, foram escritos para que creiais que Jesus é O CRISTO, O FILHO DE DEUS, e para que, crendo, tenhais vida em Seu nome” (João 20:30-31).¹²

¹¹ isto é, a igreja do reino, não a igreja desta dispensação. Isto é claramente visto no facto de nos versículos seguintes Pedro receber as chaves do “reino dos céus” e também no facto da “igreja que é o Seu corpo” ser naquela altura ainda um mistério “escondido em Deus” (Ef. 3:1-11).

PAULO E O CORPO DE CRISTO

Contudo sabemos que Israel como nação rejeitou Cristo e assim a edificação da igreja Messiânica não pôde continuar até à sua conclusão. O Messias, o Fundamento, e Pedra da Esquina, foi rejeitado e o edifício, ainda hoje, jaz em ruínas. Deus está assim a mostrar a Israel que a sua casa não será erguida a menos que reconheça Jesus como sendo Seu Filho e seu Rei.

Entretanto Deus está a edificar *uma outra* casa, ou pelo menos uma outra parte da grande estrutura composta aludida em Efésios 2:21-22. A edificação *desta* casa, a igreja desta dispensação, era um segredo de que Pedro e os onze nada sabiam, quando seguiam Cristo como rei e em Pentecostes ofereceram o Seu reino a Israel.

Os planos e especificações para a edificação desta igreja foram confiados a Paulo pelo Senhor glorificado. Ele diz, pelo Espírito:

“SEGUNDO A GRAÇA DE DEUS QUE ME FOI DADA, PUS EU, COMO SÁBIO ARQUITECTO, O FUNDAMENTO, E OUTRO EDIFICA SOBRE ELE; MAS VEJA CADA UM COMO EDIFICA SOBRE ELE” (I Cor.3:10).

Quando Paulo diz: “*Eu pus o fundamento*”, ele não quer dizer que a igreja desta dispensação não seja também fundada sobre Cristo, pois no versículo seguinte ele declara claramente que nenhum outro fundamento pode ser colocado, além de Jesus Cristo. É por isso que é tão importante que os edificadores “vejam como edificam sobre ele” (3:10). Na realidade, em Ef. 2:20 ele também diz que nós somos “*edificados sobre o fundamento (colocado pelos) apóstolos e profetas*”. Isto é, nós somos “*edificados sobre Jesus Cristo*”.

No clamor de Paulo o ponto é que nós agora conhecemos Cristo *duma forma diferente*. Enquanto que Pedro e os onze O conheceram como Rei para reinar na terra, nós conhecêmo-l’O (a mesma Pessoa) como a Cabeça glorificada do corpo (Ef. 1:19-23).

Paulo, pelo Espírito, indica que ocorreu uma mudança dispensacional, quando diz:

“Assim que DAQUI POR DIANTE a ninguém conhecemos segundo a carne, e, AINDA QUE TENHAMOS CONHECIDO CRISTO SEGUNDO A CARNE, CONTUDO AGORA JÁ NÃO O CONHECEMOS DESTE MODO” (II Cor.5:16).

Antes dessa altura esperava-se dos homens que confiassem em Jesus como “*o Cristo, o Filho do Deus vivo*”, o Rei para reinar como Deus no trono de David. Mas com o levantamento de Paulo a rejeição de Cristo por parte de Israel foi assumida e nós confiamos no Rei rejeitado como *nosso Senhor e Salvador glorificado*. Assim, Paulo declara:

¹² Apesar da “graça de nosso Senhor Jesus Cristo”, e não o Seu reino, ser a mensagem de Deus para os nossos dias, é claro que também devemos crer que Ele é o verdadeiro Rei e Filho de Deus.

“Se com a tua boca confessares Jesus como Senhor, e creres no teu coração que Deus O ressuscitou dos mortos, serás salvo” (Rom. 10:9, versão Americana).

AS DUAS IGREJAS NÃO DEVEM SER CONFUNDIDAS

Nós devemos ter cuidado em não confundirmos esta igreja descrita em Efésios com a que o Senhor falou a Pedro. *Esta*, a que o Senhor falou a Pedro, era uma *igreja profetizada*. *Aquela* era um mistério. Os planos e especificações para a *igreja profetizada* encontram-se nas Escrituras do Velho Testamento. Os planos e especificações para a *igreja do mistério* “*estiveram ocultos desde os tempos eternos*” (Rom. 16:25), “*ocultos desde todos os séculos e em todas as gerações*” (Col. 1:26), “*noutros séculos ... não manifestados*” (Ef. 3:5), porém foram revelados ao Apóstolo Paulo e por seu intermédio.

Resumindo, tanto Pedro como Paulo edificaram sobre o mesmo fundamento, porém, enquanto a igreja milenial há-de ser edificada sobre nosso Senhor como *Messias de Israel*, a igreja da presente dispensação é edificada sobre Ele como *Cabeça glorificada do corpo*, rejeitado na terra, mas exaltado acima de tudo, à mão direita de Deus, no céu.

A distinção é claramente vista numa comparação de Actos 2 com II Timóteo 2.

Na primeira passagem *Pedro* declara que Deus ressuscitou Cristo de entre os mortos para *O assentar no trono de David* (Actos 2:29-36). Na outra passagem *Paulo* exorta Timóteo:

“Considera o que digo, porque o Senhor te dará entendimento em tudo.

“LEMBRA-TE DE QUE JESUS CRISTO, QUE É DA DESCENDÊNCIA DE DAVID, RESSUSCITOU DOS MORTOS, SEGUNDO O MEU EVANGELHO;

“Pelo que sofro trabalhos e até prisões, como um malfeitor; mas a Palavra de Deus não está presa” (II Tim. 2:7-9).

Para se compreender o que o apóstolo quer dizer quando diz que Jesus Cristo, da semente de David, (também) ressuscitou dos mortos segundo o *seu* evangelho, temo-nos de voltar para Efésios 1 e 2, onde o encontramos a orar para que aos crentes lhes possa ser dada a percepção espiritual que lhes permita verem

“... qual seja a esperança da Sua vocação, e quais as riquezas da glória da Sua herança nos santos;

“E QUAL A SOBRE-EXCELENTE GRANDEZA DO SEU PODER SOBRE NÓS, OS QUE CREMOS, SEGUNDO A OPERAÇÃO DA FORÇA DO SEU PODER,

“QUE MANIFESTOU EM CRISTO, RESSUSCITANDO-O DOS MORTOS, E PONDO-O À SUA DIREITA NOS CÉUS” (Ef. 1:18-20).

“MAS DEUS, QUE É RIQUESSIMO EM MISERICÓRDIA, PELO SEU MUITO AMOR COM QUE NOS AMOU,

“ESTANDO NÓS AINDA MORTOS EM NOSSAS OFENSAS, NOS VIVIFICOU JUNTAMENTE COM CRISTO (PELA GRAÇA SOIS SALVOS),

“E NOS RESSUSCITOU JUNTAMENTE COM ELE E NOS FEZ ASSENTAR NOS LUGARES CELESTIAIS, EM CRISTO JESUS” (Ef. 2:4-6).

Certamente que se Pedro conhecesse tal mensagem, tê-la-ia pregado em Pentecostes. Porém não a conhecia. Em Pentecostes ele apenas proclamou Cristo como o Salvador-Rei que Deus ressuscitara de entre os mortos para O assentar no trono de David. Ele chamou Israel ao arrependimento e ao baptismo para a remissão de pecados a fim de que os tempos do refrigério viessem e Deus enviasse Jesus, que eles tinham rejeitado e crucificado. (Actos 3:19-21).

Na verdade o ministério de Pedro foi acompanhado de sinais miraculosos que “se desvaneceram” durante o ministério de Paulo, mas quem é que conhecendo o poder da ressurreição de Cristo quererá o “poder Pentecostal”? (Ef. 1:19-20; Fil. 3:10).

Foi esta mensagem, que Satanás odeia tão severamente e se opõe tão furiosamente, que levou Paulo a padecer como um malfeitor em cadeias. Não é de admirar! Com a rejeição a que Israel votou Cristo parecia que toda a esperança para o mundo se tinha esfumado; que o homem tornara a sua salvação impossível; que as promessas de Deus tinham falhado; *quando vem então a revelação do mistério!* O principal dos pecadores foi salvo e enviado a proclamar “*o evangelho da graça de Deus*”. A própria cruz que soletrara a condenação do homem era agora revelada como o meio eficaz da sua salvação, e todos os que confiassem no sangue derramado de Cristo receberiam gratuitamente a remissão dos pecados e uma posição em Cristo à mão direita de Deus, nos céus!

PAULO O ARQUITECTO

Paulo não se estava a encher de importância ao denominar-se a si mesmo o “arquitecto” da igreja desta dispensação. Ele torna bem claro que esta posição lhe fora concedida “*segundo a graça de Deus*”. Na realidade, ele associa sempre a sua posição única com a graça de Deus, pois a sua conversão e comissão foram a demonstração suprema dessa graça (Ver Rom. 1:5; 12:3; 15:15-16; I Cor. 15:9-10; Gál. 1:15-16; 2:9; Ef. 3:7-8 e I Tim. 1:12.16).

Moisés foi o arquitecto do tabernáculo. Deus deu-lhe os planos e especificações para ele, e disse-lhe: “... *Olha, faz tudo conforme o modelo que no monte se te mostrou*” (Heb. 8:5).

Assim como Moisés representa a lei, Paulo representa a graça. Paulo também foi um arquitecto, pois Deus deu-lhe os planos e especificações dum edifício maior, “um templo santo”, a igreja que é o corpo de Cristo. Passo a passo, os detalhes foram-lhe revelados por revelação directa de forma tal que, “como sábio (inteligente) arquitecto”, ele recebeu o direito e a responsabilidade de os delinear e traçar para nós, os edificadores.

A RESPONSABILIDADE DOS EDIFICADORES

Porque é que os edificadores de Deus falham tão completamente a edificação segundo os planos e especificações estabelecidos nas epístolas de Paulo? Porque ignoram o aviso:

“EU PUS O FUNDAMENTO ... VEJA CADA UM COMO EDIFICA SOBRE ELE”.

Têm pegado em material Petrino e têm-no edificado sobre o fundamento Paulino. Têm falado na “edificação do reino” e têm tentado em vão levar a cabo a chamada “grande comissão”. Têm pegado no baptismo na água, nas línguas, curas e sinais dos tempos numa outra dispensação e têm-nos trazido para a dispensação da graça de Deus, depois de Deus os ter feito “desaparecer”. Como resultado de tudo isto, a igreja tornou-se tão confusa e dividida, que poucos sabem no que crêem.

Isto tudo acontece por se tomar levemente a peito o anátema apostólico de Gál. 1:8:

“MAS, AINDA QUE NÓS MESMOS OU UM ANJO DO CÉU VOS ANUNCIE OUTRO EVANGELHO ALÉM DO QUE JÁ VOS TENHO ANUNCIADO, SEJA ANÁTEMA”.

Os nossos líderes espirituais desconhecerão a condição da igreja ou esqueceram-se que terão que prestar contas a Deus da sua obra quando o edifício for inspeccionado?

Decerto que Deus não é o culpado pela presente condição da igreja. *Os edificadores é que são os culpados.* Em vez de pregarem a Palavra de Deus bem dividida, têm alimentado as suas congregações com leite e música. Umhas frases atraentes, uns versículos de impacto daqui, dali, ou doutro lado qualquer, sem que se respeite o contexto; isto, juntamente com uns passatempos de entretenimento, substituí a pregação da Palavra inteligente e espiritual. E a maioria de crentes tem vindo a ser alimentada há tanto tempo já com esta espécie de dieta que se encontra espiritualmente enferma - tão enferma que os seus líderes se sentem justificados em continuarem a leve dieta indefinidamente.

Algumas vezes argumenta-se que as almas estão a ser salvas, mas será que os edificadores da igreja nunca acordarão para o facto de que as mãos erguidas ou as pessoas que se levantam e vão à frente não medem o sucesso da sua obra? *A obra deles permanecerá?* Está é a questão. Pode não receber a aprovação pública, mas *permanecerá com a inspecção divina?*

Os líderes espirituais têm aplicado diversas vezes o aviso de Paulo em I Cor. 3:10-17 à conduta Cristã em geral, quando a passagem trata especificamente com os *edificadores* e a *sua obra* na edificação da igreja. Consequência: olhemos para a igreja - sim, mesmo para a igreja mais fundamentalista. Examinemo-la cuidadosamente e vejamos se o edifício se encontra em condição sã. Vejamos se na sua maioria é composto de “*ouro, prata, pedras preciosas*”, ou se de “*madeira, feno, palha*”. E depois perguntemo-nos a nós mesmos o que é que o grande Inspector divino dirá aos edificadores quando Ele examinar a sua obra.

Muitos evangelistas, muitos pregadores, que desfrutam agora de proeminência e de popularidade chorarão *naquele* dia, ao verem a sua obra dissipar-se entre as chamas. Mesmo que “o tal se salve” será terrível “sofrer perda” quando as recompensas forem dadas.

Como é que os obreiros de Deus podem vencer a edificação deficiente e escaparem à desaprovação da sua obra pelo grande Inspector do Edifício? *Só há uma maneira:*

“PROCURA APRESENTAR-TE A DEUS APROVADO (ou, ESTUDA PARA TE APRESENTARES A DEUS APROVADO, como dizem outras versões), COMO OBREIRO QUE NÃO TEM DE QUE SE ENVERGONHAR, QUE MANEJA (ou, DIVIDE, literalmente) BEM A PALAVRA DA VERDADE” (II Tim. 2:15).

A MENSAGEM DISTINTA DE PAULO

Que Paulo pregou uma mensagem distinta, que nunca foi proclamada antes, é evidente em muitos dos seus escritos, mas citaremos aqui a sua importante declaração em Gál. 2.2,9.:

«E subi por uma revelação, e lhes expus o evangelho, que prego entre os gentios, e particularmente aos que estavam em estima; para que de maneira alguma não corresse ou não tivesse corrido em vão. E conhecendo Tiago, Cefas e João, que eram considerados como as colunas, a graça que me havia sido dada, deram-nos as destras, em comunhão comigo e com Barnabé, para que nós fôssemos aos gentios, e eles à circuncisão»

Esta passagem de modo algum pode ser interpretada como Paulo ter ido a Jerusalém para “verificar com os apóstolos ali” e certificar-se de que pregavam todos a mesma coisa, muito menos foi lá para receber ordens.

A passagem diz-nos que ele «subiu por uma revelação». Ele foi enviado por Deus. E quando ali chegou ele diz que lhes expôs «o evangelho que pregava entre os Gentios». É claro que as palavras «o evangelho que prego» revela como a sua mensagem era diferente da deles. Mas há mais. Diz ele: «e particularmente aos que estavam em estima; para que de maneira alguma não corresse ou não tivesse corrido em vão». Porque é que ele havia de fazer isto se a sua mensagem era a mesma que a deles? E para completarmos a evidência, lemos depois que Tiago, Cefas [Pedro] e João, vendo a validade do seu ministério, apertaram publicamente as mãos com ele e Barnabé, solene e oficialmente, concordando no facto de Paulo continuar a ir aos Gentios, devendo eles restringir o seu ministério a Israel.

Assim, os que originalmente tinham sido enviados «a todas as nações» e a «todo o mundo», agora concordavam que uma mudança tinha ocorrido. Deus tinha designado Paulo para ir aos Gentios com «o evangelho da graça de Deus», de tal forma que eles ficavam agora confinados com o seu ministério «à circuncisão». Com efeito, eles desligaram-se dessa forma da sua “grande comissão”, e claramente, o que eles ligaram na terra através dum acordo solene, público, também foi ligado no céu (Cf. Mat. 16.19).

OS CLAMORES DE PAULO

Os próprios clamores de Paulo, inspirados pelo Espírito, relativamente ao carácter distinto do seu ministério como apóstolo dos Gentios não deixa qualquer margem para dúvida quanto a este assunto. Consideremos estes exemplos:

Romanos 11.13: *«Porque convosco falo, gentios, que, enquanto for apóstolo dos gentios, exalto o meu ministério».*

Gálatas 1.11,12: *«Mas faço-vos saber, irmãos, que o evangelho que por mim foi anunciado não é segundo os homens. Porque não o recebi, nem aprendi de homem algum, mas pela revelação de Jesus Cristo».*

Eféios 3.1-3: *«Por esta causa eu, Paulo, sou o prisioneiro de Jesus Cristo por vós, os gentios; se é que tendes ouvido a dispensação da graça de Deus, que para convosco me foi dada; como me foi este mistério manifestado pela revelação, como antes um pouco vos escrevi»*

Colossenses 1.25: *«Da qual eu estou feito ministro segundo a dispensação de Deus, que me foi concedida para convosco, para cumprir a palavra de Deus».*

I Timóteo 2.5-7: *«Porque há um só Deus, e um só Mediador entre Deus e os homens, Jesus Cristo homem. O qual se deu a si mesmo em preço de redenção por todos, para servir de testemunho a seu tempo. Para o que (digo a verdade em Cristo, não minto) fui constituído pregador, e apóstolo, e doutor dos gentios na fé e na verdade».*

Tito 1.2,3: *«Em esperança da vida eterna, a qual Deus, que não pode mentir, prometeu antes dos tempos dos séculos; mas a seu tempo manifestou a sua palavra pela pregação que me foi confiada segundo o mandamento de Deus, nosso Salvador».*

A EXTENSÃO DO MINISTÉRIO DE PAULO

«Portanto ide, fazei discípulos de **TODAS AS NAÇÕES ...**» (Mat. 28.19; Cf. Luc. 24.47).

«E disse-lhes: Ide por **TODO O MUNDO**, pregai o evangelho a **TODA CRIATURA**» (Marcos 16.15).

«E este evangelho do reino será pregado em todo o mundo, em testemunho a todas as nações, e **ENTÃO VIRÁ O FIM**» (Mat. 24.14).

«Ora, àquele que é poderoso para vos confirmar segundo o meu evangelho e a pregação de Jesus Cristo, conforme a revelação do mistério que desde tempos eternos esteve oculto, mas que se manifestou agora, e **SE NOTIFICOU (OU, TORNOU CONHECIDO)** pelas Escrituras dos profetas, segundo o mandamento do Deus eterno, **A TODAS AS NAÇÕES** para obediência da fé» (Rom. 16.25,26).

«... céus, da qual já antes ouvistes pela palavra da verdade do evangelho, que já chegou a vós, como também **ESTÁ EM TODO O MUNDO**; e já vai frutificando, como também entre vós, ...» (Col. 1.6)

«Se, na verdade, permanecerdes fundados e firmes na fé, e não vos moverdes da esperança do evangelho que tendes ouvido, **O QUAL FOI PREGADO A TODA CRIATURA QUE HÁ DEBAIXO DO CÉU**, e do qual eu, Paulo, estou feito ministro» (Col. 1.23).

As três secções de textos bíblicos acima merecem ser comparadas e contrastadas. A primeira secção tem a ver com o ministério dos doze apóstolos, a terceira com o ministério do apóstolo Paulo, e a terceira declara que quando todas as nações tiverem sido alcançadas com «o evangelho do reino», virá o «fim».

Uma consideração séria destas passagens levanta duas questões básicas, cujas respostas enfatizará ainda mais o carácter distinto do apostolado e mensagem de Paulo. São as seguintes: (1) O ministério de Paulo foi uma continuação do dos doze? E (2) Paulo alcançou de facto todo o mundo com a mensagem da graça?

O ministério de Paulo foi uma continuação do dos doze?

Se foi, porque é que o fim» não veio? Pois Mat. 24.14 diz claramente que quando «este evangelho do reino» alcançar «todas as nações» «**então virá o fim**».

Ora nós sabemos que os doze *nem* mesmo, por meio de emissários, alcançaram «todas as nações» com o seu evangelho. De facto, no grande concílio de Jerusalém eles

libertaram-se da sua comissão original, com Paulo reconhecido agora como o apóstolo das nações (Ver Gál. 2.2-9). Portanto, se Paulo continuava o ministério deles, «*o fim*» deveria vir.

Qual era «*o fim*» referido em Mat. 24.14? Um relance ao contexto revelará que, ali, o Senhor referia-se ao fim da Grande Tribulação, e conseqüentemente ao estabelecimento terreno do reino do Messias.

Ah, mas o ministério de Paulo não era uma continuação do dos Doze. O evangelho dele não era «*o evangelho do reino*», mas «*a pregação da cruz*», não a proclamação das promessas proféticas, mas a proclamação de «*o mistério ... oculto desde a fundação do mundo, mas agora revelado*» por meio dele.

O programa profetizado, com o seu *evangelho do reino*, foi interrompido pela «*dispensação da graça de Deus*». Quando esta dispensação terminar, Deus retomará então os Seus tratos com Israel e «*este evangelho do reino*» será novamente proclamado, culminando no «*o fim*» da Grande Tribulação e no retorno de Cristo para reinar na terra.

Por conseguinte, o ministério de Paulo *não* era uma continuação do ministério dos Doze, mas bastante distinto e separado do deles; o que nos conduz à segunda questão:

Paulo alcançou todo o mundo com a mensagem da graça?

Um exame da terceira secção atrás citada, indica que sim. Rom. 16.25,26 declara que apesar de «*oculto desde a fundação do mundo*», foi depois tornado conhecido «*a todas as nações para a obediência da fé*». Col. 1.6 declara aos Colossenses que o evangelho «*chegou a vós, como também ESTÁ EM TODO O MUNDO*», e o Ver. 23 declara que foi «**PREGADO A TODA CRIATURA QUE HÁ DEBAIXO DO CÉU**».

Objectará alguém dizendo que «*o evangelho da graça de Deus*» *não podia*, de facto, ter alcançado «*todo o mundo*» ou «*toda a criatura*». Nós respondemos que não negamos que os referidos como «*todo o mundo*» e «*toda a criatura*» significaria, sem dúvida, todo o mundo e toda a criatura *conhecido*. Mas os termos «*todo o mundo*» e «*toda a criatura*», na chamada “grande comissão” são exactamente os mesmos, mesmo no Grego, como os termos usados em relação ao ministério de Paulo. Portanto, o que eles querem dizer na “grande comissão” têm de querer dizer o mesmo quando usados em relação ao ministério de Paulo.

Enquanto que os doze nunca foram para além da sua própria nação no cumprimento da sua comissão, está escrito acerca de Paulo que durante a sua estadia em Éfeso «*E durou isto por espaço de dois anos; de tal maneira que todos os que habitavam na Ásia ouviram a palavra do Senhor Jesus, assim judeus como gregos*» (Actos 19.10). Aos Romanos ele escreve: «*desde Jerusalém, e arredores, até ao Ilírico, tenho pregado o evangelho de Jesus Cristo*» (Rom. 15.19), e menciona planos para ir à Espanha (15.24), planos que podem bem ter sido cumpridos entre os seus dois aprisionamentos. Até dos seus cooperadores foi dito, «*Estes que têm alvoroçado o mundo, chegaram também aqui*» (Act. 17.6). E aos Romanos,

que vieram ao conhecimento do «*evangelho da graça de Deus*» por meio do seu ministério, ele escreve: «*em todo o mundo é anunciada a vossa fé*» (Rom. 1.8).

PORQUE É QUE PAULO FALA TANTO ACERCA DE SI MESMO?

A Defesa do seu Apostolado

No princípio interrogámo-nos se estaríamos a dar a Paulo uma proeminência indevida. Agora colocamos outra questão: *Estaria Paulo a fazer de si uma proeminência indevida?*

A maioria das pessoas pensa de Paulo como sendo mais ou menos do mesmo nível de Pedro, Tiago, João e os demais apóstolos do Senhor.

No entanto o elemento pessoal de Paulo ergue-se proeminentemente nas suas epístolas. Ele refere-se a si mesmo *pelo nome* umas trinta vezes, e pelo pronome pessoal *várias centenas de vezes*.

Paulo fala repetidas vezes de «*o meu evangelho*». Em Rom. 2.16 ele diz, «... *Deus há de julgar os segredos dos homens, por Jesus Cristo, segundo o meu evangelho*». Em Rom. 16.25 ele começa uma bênção com as palavras, «*Ora, àquele que é poderoso para vos confirmar segundo o meu evangelho ...*» E em 2 Tim. 2.8 ele diz, «*Lembra-te de que Jesus Cristo, que é da descendência de Davi, ressuscitou dentre os mortos, segundo o meu evangelho*».

Ele refere-se ao «... *evangelho que por mim foi anunciado ...*» (Gá. 1.11), e ao «... *evangelho, que prego ...*» (Gál. 2.2). E este tipo de fraseologia é encontrado em todos os seus escritos.

De facto, ele vai mais longe do que isso, pois ele é o único de todos os apóstolos que põe nos seus lábios as palavras de nosso Senhor, «*segue-me*». Ele exorta duas vezes os Coríntios, «*sede meus imitadores*» (I Cor. 4.16; 11.1), e aos Filipenses ele diz, «*Sede também meus imitadores, irmãos, e tende cuidado, segundo o exemplo que tendes em nós, pelos que assim andam*» (Fil 3.17). Esta fraseologia é demasiado familiar nas epístolas de Paulo.

E isto não é tudo, pois em 1 Cor. 11.5 ele declara,

«*Porque penso que em nada fui inferior aos mais excelentes apóstolos*».

Teria Paulo o direito de promover assim o seu próprio ministério e distingui-lo do dos doze? Certamente que todos os que defendem que Paulo e os doze proclamaram todos a mesma mensagem nunca deram uma explicação satisfatória a este aspecto das suas epístolas.

Mas quando consideramos as convicções de Paulo na epístola aos Gálatas – e os ensinamentos do Espírito Santo quanto à singularidade da sua posição, o caso torna-se mesmo mais pronunciado. Ele usa quase dois capítulos para defender o seu apostolado, que

evidentemente tinha sido posto em causa. Nestes dois capítulos ele parece rebaixar os apóstolos em Jerusalém e exaltar o seu próprio apostolado. Nos versículos onze e doze do primeiro capítulo ele *certifica* os Gálatas que não recebera a sua mensagem dos doze ou de qualquer fonte humana, mas ***por revelação directa do próprio Senhor glorificado***.

De facto, em Gál 2.2-5 ele declara: «*E subi por uma revelação, e lhes expus o evangelho, que prego entre os gentios ...*» e acrescenta que, quando em Jerusalém, alguns insistiam que Tito deveria ser circuncidado, ele «*nem ainda por uma hora cedemos com sujeição*», para que o seu evangelho da graça de Deus pudesse continuar ininterrupto entre os crentes Gentios em Antioquia.

No Ver. 6 ele refere-se a Tiago, Pedro e João (por esta ordem) como os «*que pareciam ser alguma coisa*»¹³ e acrescenta:

«nada me comunicaram;

«Antes, pelo contrário, quando viram que o evangelho da incircuncisão me estava confiado, como a Pedro o da circuncisão ...

«E conhecendo Tiago, Cefas e João, que eram considerados como as colunas, a graça que me havia sido dada, deram-nos as destras, em comunhão comigo e com Barnabé, para que nós fôssemos aos gentios, e eles à circuncisão» (Vers. 6-9).

Consideremos bem o que aconteceu aqui. Os doze apóstolos, que, tinham originalmente sido enviados a «*todo o mundo*» e a «*todas as nações*», agora, por meio dos seus líderes, *entregam a evangelização dos Gentios a Paulo, concordando, a partir daquele momento, circunscrever o seu próprio ministério a Israel!* É assim que Paulo declara aos Romanos, não orgulhosamente, mas por inspiração do Espírito:

«Porque convosco falo, gentios, que, enquanto for apóstolo dos gentios, exalto o meu ministério» (Rom. 11.13).

E ele demonstrou esta autoridade em Antioquia, quando Pedro comprometeu a decisão que, sob a direcção do Espírito, tinha sido tomada no Concílio de Jerusalém. Leiamos as suas palavras em Gál. 2.11,14:

«E, chegando Pedro à Antioquia, lhe resisti na cara, porque era repreensível».

«... quando vi que não andavam bem e directamente conforme a verdade do evangelho, disse a Pedro na presença de todos: Se tu, sendo judeu, vives como os gentios, e não como judeu, por que obrigas os gentios a viverem como judeus?»

E isto foi *publicado numa carta* dirigida às «*igrejas na Galácia*».

Devemos aqui fazer uma pausa e interrogar Paulo:

¹³ Evidentemente porque este Tiago, não sendo sequer um dos doze, tinha usurpado a liderança de Pedro (Ver Mat. 16.18,19 e cf. Act. 15.13,19).

“Esqueceste a tua posição? Tens consciência de que estás a repreender publicamente o líder dos doze apóstolos? Não deverias considerar que ele foi apóstolo primeiro do que tu, que só recentemente foste designado para essa posição? Esqueceste-te que o Senhor deu a Pedro as chaves do reino dos céus e que milhares de almas foram salvas por sua instrumentalidade?” Isto seria difícil, de explicar se nós não conhecêssemos e compreendêssemos «*o mistério*», o segredo.

Mas mesmo isto não é tudo. Uma das declarações mais fortes de Paulo nesta relação encontra-se em Gál. 1.8, onde ele diz:

«Mas, ainda que nós mesmos ou um anjo do céu vos anuncie outro evangelho além do que já vos tenho anunciado, seja anátema».

E o que ele dizia era muito forte, pois no versículo seguinte repete enfaticamente:

«Assim, como já vo-lo dissemos, agora de novo também vo-lo digo. Se alguém vos anunciar outro evangelho além do que já recebestes, seja anátema».

Paulo pronuncia assim uma maldição sobre quem ousar pregar a estes Gentios qualquer outro evangelho além do que ele lhes tinha pregado. Quando isto é considerado à luz de Gál. 2.7, a seriedade desta maldição é vista, pois «*o evangelho da circuncisão*» **não** era certamente a mesma coisa que «*o evangelho da incircuncisão*».

Como é que explicaremos isto tudo?

Suponhamos por momentos que eu, o autor destas linhas, começava a falar sobre “**o meu evangelho**”! Não me condenaríeis logo por me colocar acima de outros servos de Cristo e por pregar outro evangelho? De facto, diríeis, “Se é o teu evangelho não o desejo ouvir!”.

E suponhamos que eu dizia à minha audiência: “**Irmãos, sede meus imitadores!**”. Não exclamaríeis; “Que autoconvencimento e orgulho!”

EXPLICAÇÕES INADEQUADAS

Ao procurarem explicar estas declarações de Paulo alguns *metem água*! Defendem que o termo que ele usa – «*o meu evangelho*» - significa simplesmente que ele também pregava o evangelho, negando que isso distinguisse a sua mensagem da dos doze. Eles dizem que quando ele disse aos outros para o seguirem ele estava meramente a pretender dizer que eles deveriam imitar o seu *propósito principal* na vida. Argumentam que quando ele subiu a Jerusalém para comunicar o seu evangelho aos doze foi apenas para verificar com eles e certificar-se de que estavam todos a pregar a mesma coisa. No entanto tudo isto é contrário às suas palavras simples e óbvias.

Há alguns que argumentam que Paulo podia dizer, «*Sede meus imitadores*» porque ele realmente vivia a 100%, mas esta explicação é evidentemente demasiado inadequada. Se,

hoje, o crente mais sincero e piedoso começasse a dizer, “*Irmãos, sede meus imitadores e tende cuidado, segundo o exemplo que tendes em nós, pelos que assim andam*” veríamos logo que ele tinha perdido toda a sua humildade e espiritualidade. Haverá *algum homem* digno de ser seguido em tudo? Paulo não teve problemas com a sua velha natureza? (Ver Rom. 7.18,21-24).

Como é que então explicaremos a aparente jactância de Paulo; a sua insistência na distinção do seu ministério e mensagem, o seu aparente rebaixar dos outros apóstolos para exaltar o seu apostolado, a sua insistência de que na conferência eles nada lhe comunicaram a ele, mas o contrário, ele a eles, a sua recusa em ceder aos líderes Cristãos Hebraicos por uma hora que fosse, a sua repreensão pública de Pedro, o seu convite aos outros para o seguirem, a sua maldição sobre quem ousasse pregar aos Gentios outro evangelho além do que ele lhes tinha pregado?

A resposta a esta questão sobre a ênfase que Paulo faz sobre o seu próprio ministério é a chave para toda a mensagem da graça.

A GLÓRIA DA GRAÇA DE DEUS

Não nos devemos esquecer que o mesmo que diz em 2 Cor. 11.5: «*Porque penso que em nada fui inferior aos mais excelentes apóstolos*», também diz em I Cor. 15.9,10:

«Porque eu sou o menor dos apóstolos, que não sou digno de ser chamado apóstolo, pois que persegui a igreja de Deus.

MAS PELA GRAÇA DE DEUS SOU O QUE SOU; e a sua graça para comigo não foi vã, antes trabalhei muito mais do que todos eles; todavia não eu, mas a graça de Deus, que está comigo».

É na última cláusula deste versículo que nós encontramos a solução para todo o problema: «**PELA GRAÇA DE DEUS SOU O QUE SOU**».

Em conjugação imediata ao “gloriar” de Paulo temos o seu reconhecimento de que *ele, em si mesmo, não é nada*. Noutras passagens ele chama-se o principal dos pecadores, e «*o mínimo de todos os santos*», mas em cada caso ele magnifica a graça de Deus ao fazê-lo o que agora ele é.

O facto glorioso foi que Deus tomou Saulo, o líder culpado da rebelião contra Cristo, e o fez o arauto e a demonstração viva da sua graça infinita. Por conseguinte, quando Paulo defende e exalta o seu próprio apostolado, ele fá-lo, não para a glória de Paulo, mas para a glória de Deus; não para se exaltar a si mesmo, mas para exaltar a graça de Deus. Notemos os seguintes exemplos deste mesmo facto; notemo-los inteligentemente:

Rom. 1.5: «*Pelo qual recebemos a graça e o apostolado ...*».

Rom. 12.3: «*Porque pela graça que me é dada, digo a cada um dentre vós ...*».

Rom. 15.15,16: «Mas, irmãos, em parte vos escrevi mais ousadamente ... pela graça que por Deus me foi dada que seja ministro de Jesus Cristo para os gentios ...».

I Cor.15.9,10: «Porque eu sou o menor dos apóstolos, que não sou digno de ser chamado apóstolo ... Mas pela graça de Deus sou o que sou; e a sua graça para comigo não foi vã, antes trabalhei muito mais do que todos eles; todavia não eu, mas a graça de Deus, que está comigo».

Gál. 1.15,16: «.. aprouve a Deus, que ... me chamou pela sua graça revelar seu Filho em mim, para que o pregasse entre os gentios ...».

Gál. 2.9: «E conhecendo Tiago, Cefas e João, que eram considerados como as colunas, a graça que me havia sido dada, deram-nos as destras, em comunhão comigo e com Barnabé, para que nós fôssemos aos gentios, e eles à circuncisão».

Efé. 3.8: «A mim, o mínimo de todos os santos, me foi dada esta graça de anunciar entre os gentios, por meio do evangelho, as riquezas incompreensíveis de Cristo».

Sem dúvida que a passagem mais notável que Paulo associa o seu apostolado à graça de Deus é I Tim. 1.12-16:

«E dou graças ao que me tem confortado, a Cristo Jesus Senhor nosso, porque me teve por fiel, pondo-me no ministério;

«A mim, que dantes fui blasfemo, e perseguidor, e injurioso; mas alcancei misericórdia, porque o fiz ignorantemente, na incredulidade.

«E a graça de nosso Senhor superabundou com a fé e amor que há em Jesus Cristo.

«Esta é uma palavra fiel, e digna de toda a aceitação, que Cristo Jesus veio ao mundo, para salvar os pecadores, dos quais eu sou o principal.

«Mas por isso alcancei misericórdia, para que em mim, que sou o principal, Jesus Cristo mostrasse toda a sua longanimidade, para exemplo dos que haviam de crer nele para a vida eterna».

Nós não nos devemos esquecer de considerar a *anterior* posição que Paulo tinha, ao estudarmos o seu papel subsequente no programa de Deus. Nós só podemos compreender Paulo depois de primeiro considerarmos Saulo. Na passagem acabada de citar ele maravilha-se de Deus o ter posto no ministério, ele, que antes tinha sido «blasfemo, e perseguidor, e injurioso», e explica que isso foi possível só porque «a graça de nosso Senhor superabundou».

Quando Paulo se intitula aqui de «principal dos pecadores», ele não significa com isso que fosse o *pior* dos pecadores. Judas, os Fariseus e os Saduceus foram, sem dúvida, indivíduos mais destituídos de escrúpulos nos seus pecados, do que ele, mas a posição de Paulo como *líder instigador da rebelião* contra Cristo, constituiu-o o «principal» dos pecadores. Ele era o maior inimigo de Deus na terra.

Atentemos para o quadro historicamente. Deus tinha rejeitado as ímpias nações Gentílicas e tinha escolhido uma única nação, a nação Hebraica, para Si, e agora, eis que

esta nação se rebela contra Ele! E quem é o líder da rebelião? O livro dos Actos responde a isto com suficiente clareza para que possamos não saber.. Não foi o sumo-sacerdote nem o Sinédrio. Foi Saulo de Tarso que tomou a iniciativa da perseguição que rugia contra Cristo. Era ele que «assolava a igreja» e, « respirando ainda ameaças e mortes contra os discípulos do Senhor, dirigiu-se ao sumo sacerdote. E pediu-lhe cartas para Damasco, para as sinagogas, a fim de que, se encontrasse alguns daquela seita, quer homens quer mulheres, os conduzisse presos a Jerusalém» (Act. 8.3 e 9.1,2). E estas são apenas duas passagens da longa lista que indica a intensidade da inimizade de Saulo contra o Senhor Jesus Cristo e os Seus discípulos.

A palavra «*principal*», então, não implica meramente um grau, mas, *posição, hierarquia*, e não é estranho que este termo lhe seja aplicado àquele que inspirou e conduziu a rebelião mais feroz e agressiva que levou Deus a pôr de parte Israel («*por um tempo*») e desfechar a nação, juntamente com os Gentios, em incredulidade.

Existe uma tendência para desculpar Paulo porque ele diz: «*o fiz ignorantemente, na incredulidade*». É verdade que a sinceridade do seu ódio por Cristo levou Deus a compadecer-se dele para o salvar, mas não devemos supor que a sua ignorância era desculpável. Ele *podia e devia* ter sabido que Jesus era o Cristo, e nesta mesma passagem, o Espírito Santo, por intermédio do próprio Paulo, enfatiza as superabundantes riquezas da *graça* de Deus para com Saulo, o *pecador*.

Decerto que foi a sublime graça de Deus que tomou *este homem* e o salvou e colocou no ministério, e é porque o apostolado de Paulo é a demonstração suprema da infinita graça de Deus para com os pecadores que ele o defendeu tão vigorosamente.

Ele diz na mesma passagem:

«Mas por isso alcancei misericórdia, para que em mim, que sou o principal, Jesus Cristo mostrasse toda a sua longanimidade, para exemplo dos que haviam de crer nele para a vida eterna».

O Senhor rejeitado revelou, preeminentemente em Paulo, toda a longanimidade. Paulo era o modelo para os que a partir de então cressem em Cristo para a vida eterna.

Durante séculos, a igreja, como um todo, perdeu de vista a posição distinta que Paulo ocupa no programa de Deus. Chamam-no “um dos apóstolos”, esquecendo-se que os doze foram enviados a todo o mundo face à *aceitação* de Cristo, o *levantamento* de Israel e a *autoridade* de Deus, enquanto que Paulo foi enviado a todo o mundo porque Cristo foi *rejeitado*, Israel *caiu* e devido à *graça* de Deus.

Como resultado, multidões de crentes fervorosos não têm conseguido explicar, até à data, o aparente gloriar de Paulo, ficando completamente confusos e discordando mesmo com a mensagem e o programa de Deus para hoje. Pensemos na confusão que ainda prevalece relativamente aos sinais dos tempos, à obra do Espírito Santo, ao baptismo na água, e ao retorno de Cristo, e tudo sem necessidade face ao que as Escrituras dizem com tanta clareza sobre o carácter distinto do apostolado e da mensagem de Paulo.

À luz das Escrituras aqui consideradas é-nos difícil de compreender como é que líderes Fundamentalistas e ensinadores dispensacionais da Bíblia podem continuar a defender que não há nenhuma diferença básica entre as mensagens de Paulo e dos doze. Mas ao contenderem assim a sua própria confusão e divisão agravam-se.

Questionemos por um momento que seja o carácter distinto do ministério de Paulo, ou coloquemo-lo na mesma categoria da dos doze e obscureceremos a glória da maravilhosa graça de Deus e ensombremos o seu propósito eterno em Cristo. É por isso que, por assim dizer, Paulo coloca na mesa o “certificado da sua ordenação”:

«Mas faço-vos saber, irmãos, que o evangelho que por mim foi anunciado não é segundo os homens.

«Porque não o recebi, nem aprendi de homem algum, mas pela revelação de Jesus Cristo» (Gál. 1.11,12).

E é por isso que ele declara, por inspiração divina:

«Porque convosco falo, gentios, que, enquanto for apóstolo dos gentios, exalto o meu ministério» (Rom. 11.13).

Tenhamos, então, cuidado em não desrespeitar o que Deus tão enfaticamente “certifica”, nem em minimizar o que Ele magnifica, para que não O desonremos nem percamos as Suas bênçãos mais sublimes. Recebamos devotamente a Sua Palavra, e experimentemos no maior grau possível, o poder que Paulo experimentou no Seu ministério para Cristo.